

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

Maitê Capistrano Refosco

DIÁLOGOS CRUZADOS:
PERCEPÇÕES ACERCA DOS TEXTOS EXPOSITIVOS NO MUSEU DE
HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

2016

Maitê Capistrano Refosco

DIÁLOGOS CRUZADOS:

PERCEPÇÕES ACERCA DOS TEXTOS EXPOSITIVOS NO MUSEU DE
HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL

Trabalho de Conclusão de Curso realizado como pré-requisito para conclusão do curso de Bacharelado em Museologia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof^a Me. Vanessa Barrozo Teixeira.

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof^a. Da. Ana Maria Mielniczuk de Moura

Vice-Diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Moisés Rockembach

Chefe-Substituto: Prof. Dr. Valdir Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Cordenador: Prof^a. Da. Zita Rosane Possamai

Condernador-Substituto: Prof. Me. Eráclito Pereira

CIP - Catalogação na Publicação

Capistrano Refosco, Maitê
DIÁLOGOS CRUZADOS: PERCEPÇÕES ACERCA DOS TEXTOS
EXPOSITIVOS NO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO
GRANDE DO SUL / Maitê Capistrano Refosco. -- 2016.
109 f.

Orientador: Vanessa Barrozo Teixeira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Museologia, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Comunicação Museológica. 2. Expografia. 3. Texto
Expositivo. 4. Estudo de Público. 5. Museu de
História da Medicina do Rio Grande do Sul. I. Barrozo
Teixeira, Vanessa, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Rua Ramiro Barcelos, 2705 – Bairro Santana, Porto Alegre /RS

Tel. Fax.: (51) 3316-51 46 / E-mail: fabico@ufrgs.br

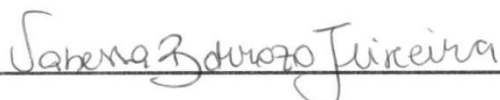
Maitê Capistrano Refosco

DIÁLOGOS CRUZADOS:

PERCEPÇÕES ACERCA DOS TEXTOS EXPOSITIVOS NO MUSEU DE
HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL

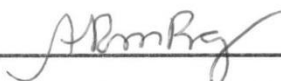
Aprovada em: **28** de **Junho** de 2016.

BANCA EXAMINADORA:



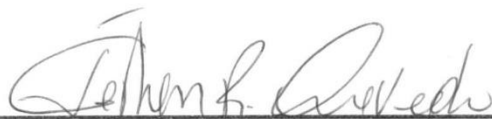
Profª Me. Vanessa Barrozo Teixeira

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)



Profª Me. Ana Ramos Rodrigues

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)



Profº Dr. Éverton Reis Quevedo

(Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul e Complexo de Ensino
Superior de Cachoeirinha)

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de estudo as exposições “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida” e “Os Segredos da Anatomia: Uma Olhar Atento sobre a Base da Vida Humana”, planejadas e executadas pelo Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul em Porto Alegre/RS. Tendo como objetivo a busca de dados para analisar se os textos expositivos se inserem nas normas indicadas pela área de Museologia e são acessíveis aos visitantes. Para tal desenvolveu-se uma pesquisa utilizando um questionário para preenchimento do público, como ferramenta para um estudo de público de caráter quantitativo; entrevistas com parte da equipe curatorial, conhecendo as intenções e processos da mesma para com as exposições e a percepção sobre seu público; observação pela pesquisadora, para perceber os tipos de textos expositivos; e análise baseando-se na pesquisa bibliográfica. No trabalho são abordados conceitos sobre comunicação museológica envolvendo a relação dos elementos textuais com a narrativa expositiva. A análise é realizada a partir dos dados obtidos pelo questionário, fazendo aproximações com o material recolhido nas entrevistas sobre a percepção da equipe curatorial em relação aos recursos textuais e público e uma aproximação da pesquisadora, baseando-se nas teorias de técnicas expográficas e no diário de campo confeccionado pela observação. A partir da análise destas três perspectivas é notável a necessidade e o compromisso constante que os museus possuem no que tange a realização de estudos de público, e que através deles cumprir seu papel social e aperfeiçoar duas atividades.

Palavras-Chaves: Comunicação Museológica. Expografia. Texto Expositivo. Estudo de Público. Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

This research has as study object the exhibitions “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida” and “Os Segredos da Anatomia: Uma Olhar Atento sobre a Base da Vida Humana”, planned and executed by the Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul in Porto Alegre/RS. Aiming to search data to analyze whether the expository texts are part of the standards listed by the Museology area and are accessible to visitors. For this we developed a survey using a questionnaire for public filling, as a tool for a public study quantitative character; interviews with part of the curatorial team, knowing the intentions and processes the same to with the exhibits and the perception of its audience; observation by the researcher, to understand the types of expository texts; and analysis based on the literature. At work are discussed concepts of museological communication involving the relationship of textual elements to expositional narrative. The analysis is performed from the data obtained by questionnaire, making approaches to the material collected in interviews on the perception of the curatorial staff in relation to textual resources and public and an approximation of the researcher, based on the theories of expographic techniques and daily field made by observation. From the analysis of these three perspectives it is remarkable the need and the commitment that the museums have regarding the performance of public studies, and through them to fulfill their social role and improve their activities.

Key Words: Museological Communication. Expography. Expository text. Public Study. Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul.

LISTA DE ABREVIações

ABNT – Associações Brasileiras de Normas Técnicas

MUHM – Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

SIMERS – Sindicato Médico do Rio Grande do Sul

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ICOM - International Council of Museums

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação da Performance Museal.....	20
Figura 2: Diferença entre tipos de letras.....	28
Figura 3: Campo de visão para os diferentes tipos de público.....	29
Figura 4: Modelo comunicativo aplicado a exposição.....	34
Figura 5: Modelo semiótico-textual da relação comunicativa.....	35
Figura 6: Fotografia geral da exposição.....	46
Figura 7: Visão Geral da Exposição.....	46
Figura 8: Perspectiva Geral: Marcação das Regiões.....	48
Figura 9: Região 1: Texto de Abertura.....	49
Figura 10: Região 2: Costumes.....	50
Figura 11: Região 3: Conhecimentos – Perspectiva A.....	51
Figura 12: Região: Conhecimentos – Perspectiva B.....	51
Figura 13: Região 4: Diagnósticos – Exibição de Objetos.....	52
Figura 14: Região 4: Diagnósticos – Texto Expositivo e Área Interativa.....	52
Figura 15: Região 5: Tratamentos – Trajeto Inicial.....	53
Figura 16: Região 5: Tratamentos – Texto Principal e Vitrine.....	54
Figura 17: Região 5: Tratamentos – Gavetas Expositivas, Banner e entrada para sala cirúrgica.....	54
Figura 18: Região 5: Tratamentos – Sala Cirúrgica.....	55
Figura 19: Região 5: Tratamentos – Saída do Nicho.....	55
Figura 20: Região 5: Tratamentos – Quadro na Saída do Nicho.....	56
Figura 21: Região 6: Causa das Doenças.....	57

Figura 22: Região 7: Especialidades – Obstetrícia.....	58
Figura 23: Região 7: Especialidades - Oftalmologia.....	58
Figura 24: Exemplo de Texto.....	61
Figura 25: Exemplo de Legendas.....	62
Figura 26: Vista Panorâmica.....	64
Figura 27: Perspectiva: texto de abertura.....	65
Figura 28: Texto Introdutório.....	68
Figura 29: Perspectiva: Lado Direito.....	67
Figura 30: Perspectiva: ao fundo.....	69
Figura 31: Perspectiva: à esquerda.....	69
Figura 32: Exemplo I de Posicionamento.....	81
Figura 33: Destaque do texto e legendas.....	87
Figura 34: Posicionamento dos textos.....	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Escolha de Exposição.....	75
Gráfico 2: Escolaridade.....	76
Gráfico 3: Faixa Etária.....	76
Gráfico 4: Profissões.....	77
Gráfico 5: Frequência de Leitura.....	77
Gráfico 6: Análise dos Textos – Ensino Fundamental.....	78
Gráfico 7: Análise dos Textos – Ensino Superior.....	80
Gráfico 8: Análise dos Textos – Pós-Graduação.....	83
Gráfico 9: Avaliação Geral da Exposição “Desafios”.....	84
Gráfico 10: Análise dos Textos – Ensino Fundamental.....	86
Gráfico 11: Análise dos Textos – Ensino Superior.....	88
Gráfico 12: Análise dos Textos – Pós-Graduação.....	90
Gráfico 13: Análise Geral da Exposição “Anatomia”.....	92
Gráfico 14: Análise dos Textos – Ensino Fundamental.....	93
Gráfico 15: Análise dos Textos – Ensino Médio.....	94
Gráfico 16: Análise dos Textos para Ambas Exposições.....	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Configuração de Textualidade em Exposições.....	27
Quadro 2: Exemplo de contraste de cores.....	43
Quadro 3: Legenda de Cores I.....	47
Quadro 4: Texto Exemplo do Núcleo Tratamento.....	59
Quadro 5: Legenda de Cores II.....	65
Quadro 6: Texto em Revelo.....	68
Quadro 7: Texto 1.....	71
Quadro 8: Texto 2.....	71
Quadro 9: Texto 3.....	71
Quadro 10: Texto 4.....	71

SUMÁRIO

1	Introdução.....	12
2	Comunicação museológica: a exposição como meio de comunicação dos museus.....	16
2.1	O papel dos textos expositivos nas exposições.....	20
2.2	Referencial Metodológico.....	29
3	O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul: Breve História e Seu Contexto Atual.....	39
3.1	Descrição da exposição “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida”..	44
3.2	Descrição da exposição “Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento sobre a Base da Vida Humana”.....	61
4	Análise de Perspectivas.....	71
5	Considerações Finais.....	95
	Referências.....	98
	Apêndice A – Modelo Questionário I.....	101
	Apêndice B – Modelo Questionário II.....	102
	Apêndice C - Roteiro de Entrevista I.....	103
	Apêndice D - Roteiro de Entrevista II.....	104
	Anexo I – Questionário para Estudo de Público do MUHM.....	106
	Anexo II – Autorização de Entrevista.....	107

1 Introdução

Ao longo do curso de Museologia, participei de várias visitas técnicas a instituições museológicas. Nestas me deparei com museus frisando a importância de elementos textuais em exposições, e dos cuidados que eram tomados, pela equipe curatorial, para tornar o conteúdo acessível a todos os tipos de público, buscando contemplar desde um público especializado até um público sem conhecimento prévio sobre o assunto.

A partir destas, surgiram questionamentos sobre se os conteúdos destes recursos textuais eram, realmente, acessíveis a qualquer visitante. Também percebi que, apesar das instituições se preocuparem com os textos expositivos, nenhuma havia relatado sobre a realização de um estudo de público que corroborasse a facilidade de entendimento deste elemento expositivo em suas exposições. Quando cursei a disciplina de Estudo de Público, encontrei nela, uma forma de pôr em prática e procurar uma resposta para meus questionamentos.

Na disciplina de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso, ao pesquisar materiais que teorizassem sobre os textos expositivos, percebi que a questão de acessibilidade de textos não se refere apenas ao conteúdo nele. A partir dos autores Barbosa (1993), Blanco (1999), Fernández e Fernández (2007), Cortez (2010) e Locker (2011), notamos que a acessibilidade abarca, também, questões físicas na exposição. Devem-se tomar cuidado com o tamanho e com o design da fonte utilizada, as cores do texto e do suporte em que ele é disposto, a quantidade de palavras por linhas e no corpo do mesmo e entre outras questões. Afinal, a legibilidade deste material é a principal forma de acesso ao seu conteúdo.

Pensando nas questões de legibilidade e conteúdo, entrei em contato com o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM), para a aplicação de um questionário visando a produção de um estudo de público. A escolha de aplicação da pesquisa nesta instituição se deu pela tipologia de seu acervo especializado na área de saúde. Entendemos que esta tipologia de museu demanda um cuidado especial na forma de comunicá-lo, pois nem

sempre estes materiais são de conhecimento comum. No que tange o público leigo, o Museu contribuiria para a ampliação de seu conhecimento, enquanto que para o público especializado, a instituição seria uma forma de refletir sua trajetória e agregar novas interpretações.

Contudo, coletar respostas apenas dos visitantes seria mostrar uma perspectiva parcial, além do que, toda a pesquisa quantitativa possui uma margem de erro por algumas informações serem incompletas. Então, foram realizadas entrevistas com alguns profissionais da equipe curatorial, a fim de entender o processo de produção dos elementos textuais e sua intencionalidade, baseando-se no público com quem trabalham. Realizei por um período de duas semanas, uma observação para perceber as relações estabelecidas, na exposição, entre os visitantes e os textos expositivos.

O trabalho se estruturou da seguinte forma: no segundo capítulo, se faz necessário a utilização de autores como Blanco (1999), Cury (2005), Magalhães e Ramos (2008), Soares (2012), Guarnieri (2010), para iniciar o debate trazendo em pauta o processo de musealização de objetos como percursos da comunicação museológica. Sendo este processo essencial na elaboração de uma mensagem a ser transmitida em um cenário expositivo, o qual pode se tornar a representação de um contexto e/ou ampliar o conhecimento para um público não especializado.

Para que ocorra a transmissão desta mensagem, é necessária uma série de recursos materiais que tornem possível uma comunicação. No caso desta pesquisa, elegemos os recursos textuais para aprofundamento de sua importância num cenário expositivo, nos apropriando dos autores Blanco (1999), Cury (2005), Fernández e Fernández (2010), Magalhães e Ramos (2008), Cortez (2010) e Soares (2012). Alguns destes autores teorizam a técnica de produção textual em exposições, então buscamos complementar este conteúdo com Barbosa (1993), Chelini e Lopes (2010) e Locker (2011).

Este capítulo é finalizado ao dissertar sobre as relações estabelecidas num cenário expositivo entre o emissor (a exposição) e o receptor (o público), a partir dos recursos utilizados para a comunicação de seu conteúdo, trazidos por

Lopes e Almeida (2003) e Cury (2005). Partindo do conceito de museu pelo The International Council of Museums (ICOM), onde este espaço deve trabalhar a serviço da sociedade, ressaltamos a importância para uma instituição museológica em se obter um retorno (*feedback*) sobre seu produto (exposição). Onde o formato de investigação por via de um questionário é defendido por Dantas e Cavalcante (2006), enquanto Minayo e Sanches (1993) abordam formas de pesquisas quantitativas e qualitativas para a obtenção destes resultados.

No mesmo capítulo, serão abordadas as fontes teóricas utilizadas para compor a metodologia da pesquisa, que vai para além do recurso utilizado para se conseguir resultados e realizar o estudo de público. A investigação perpassa por entrevistas com parte da equipe curatorial para entender suas técnicas de concepção e planejamento. Além da observação da relação estabelecida pelos visitantes nas exposições, mantendo o foco para os elementos textuais. Sendo estas técnicas de pesquisas e a forma de abordá-las respaldadas por Minayo (1993) e Severino (2007).

Em seguida, no terceiro capítulo, foi necessário produzir um capítulo de contextualização da instituição, trazendo uma parte da sua história e a descrição de suas atuais exposições no período da aplicação. Na descrição, foi realizada uma aproximação, pela pesquisadora, entre as exposições foco de análise e as teorias museológicas sobre a técnica de produção dos recursos textuais, apresentadas no segundo capítulo. Também foi necessário tomar conhecimento das pesquisas de público realizadas pelo Museu, verificando se não estaríamos produzindo um estudo com a temática repetitiva.

Tomar conhecimento das intencionalidades propostas nos ambientes expositivos pela instituição para com seus visitantes é necessário para compor a análise final, entrecruzando com os dados obtidos nos questionários aplicados. Desta forma, este Trabalho de Conclusão de Curso procura promover um diálogo entre as perspectivas do público, equipe curatorial, análise da pesquisadora pela observação e visitas técnicas. Assim, podemos perceber as proximidades das percepções do público interno (equipe curatorial) e do público externo (visitantes

e pesquisadora) sobre os elementos textuais se inter-relacionando com as exposições.

2 Comunicação museológica: a exposição como meio de comunicação dos museus

Em seu livro “Exposição: Concepção, Montagem e Avaliação”, Marília Xavier Cury (2005a), defende que a exposição é a ponta do *iceberg*, do processo de musealização. Este processo pode ser abordado como o caminho percorrido pelo objeto para se tornar musealizado, passando pelas seguintes operações museológicas: aquisição, pesquisa, conservação e, por fim, a comunicação, pela exposição, chegando até o público. Ou seja, a musealização nada mais é do que a transformação de um objeto em documento. Encontramos esta conceituação já refletida na Resolução Normativa¹ N° 02, de 29 de Agosto de 2014, item II, no Art. 3º:

I – Os bens culturais de caráter museológico – bens materiais que ao serem incorporados aos museus perderam as suas funções originais e ganharam outros valores simbólicos, artísticos, históricos e/ou culturais, passando a corresponder ao interesse e objetivo de preservação, pesquisa e comunicação de um museu. (RESOLUÇÃO, 2014, p. 1)

Nesta perspectiva, Cury (2005a) nos remete a contextualização dos objetos perante o cotidiano social em que ele se encontra promovendo vínculos culturais entre o público e os bens musealizados. O que a autora chama de “comunicação dos sentidos”, e Blanco (1999) nomeia como “*mensaje*”, visa para que se consiga atingir os visitantes, é necessário que seja elaborada uma estratégia de comunicação que vai além de simplesmente mostrar o artefato. Ambas as autoras ressaltam que há diferença entre uma exposição e exibição, simplesmente, exibir o objeto mostrando sua trajetória histórica é diferente de uma exposição, e Blanco (1999) especifica que

¹ A Resolução Normativa em questão busca estabelecer elementos de descrição das informações sobre o acervo museológico, bibliográfico e arquivístico que devem ser declarados no Inventário Nacional dos Bens Culturais Musealizados, em consonância com o Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/09/2014&jornal=1&pagina=14&totalArquivos=120>

Un objeto se expone cuando ha sido previamente seleccionado entre otros y colocado en un espacio determinado, diferenciado, distinto al espacio de su entorno. Cuando la exposición del objeto no tiene más finalidad que mostrarla, considero que se trata de una mera exhibición del mismo sin que exista una intencionalidade comunicativa y, por tanto, tampoco hay estrategias de comunicación. En cambio, cuando sí hay alguna intención de transmitir significados y valores de las objetos, se ponen en marcha estrategias comunicativas reconocibles, desde la simple cartela hasta los medios más sofisticados (BLANCO, 1999, p. 38).

A questão de estabelecimento de vínculos, trazida por Cury (2006a), e a “*mensaje*” que a exposição deve passar ao público, por Blanco (1999) é corroborada por Soares (2012). Apropriando-se da palavra “*performance*”, como método da instituição museológica representar o contexto em que está inserido, envolvendo “não apenas a verdade, mas aquilo que as pessoas pensam da verdade. Ao apresentar a cultura através do drama à sociedade, os museus interpretam o próprio drama do ‘museu’, seu sentido, sua autoridade, seu poder [...]” (SOARES, 2012, p. 194). Assim, o autor faz uma aproximação entre uma peça teatral e a instituição museológica, nos instigando a perceber semelhanças entre o teatro e o museu.

Podemos começar nos perguntando: o que é necessário para a dramatização de uma peça? Com uma história baseada em um roteiro de caráter cronológico forma-se uma narrativa, para encená-la, é preciso: um palco, iluminação, cenário, figurino, atores e um espaço físico que comporte toda esta estrutura e que dê o suporte necessário, evitando que aconteçam falhas em seus elementos para que seja possível a realização da performance e que está consiga alcançar sua plateia.

Mas, como enxergar isto nos museus? Nosso roteiro se faz na proposta expositiva, na mensagem que queremos transmitir. A partir deste roteiro, montamos nosso cenário que poderá transportar a plateia para um novo ambiente. Recursos como iluminação, a escolha de cores, textos, legendas, audiovisuais, fotografias, climatização, etc., se fazem necessários, pois cada elemento se relaciona com o outro e promove sensações diferentes em cada visitante, assim, a percepção daquele cenário se torna única. Todavia, tais

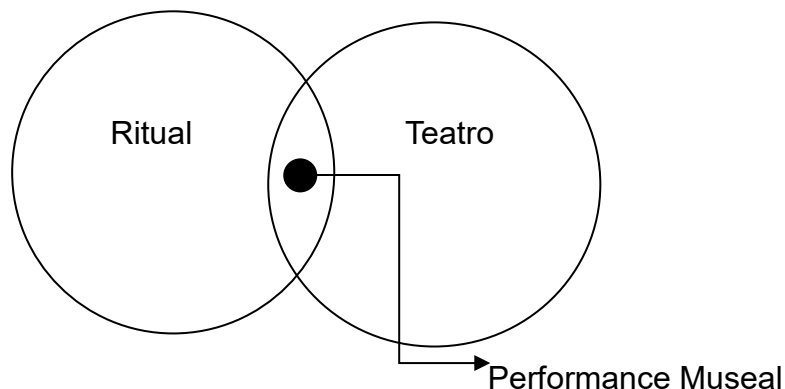
recursos são utilizados para auxiliar os nossos objetos musealizados, ou nossos *atores, protagonistas* em sua performance. Afinal, as exposições são criadas a partir de seus valores intrínsecos, por isso é necessário criar este cenário para que sua intencionalidade seja manifestada e percebida pelos visitantes.

Para tamanha composição Soares (2012) defende a participação de dois eixos que se cruzam, com a finalidade da construção de um palco para que seja possível a dramatização museológica, sendo eles: o *ritual* e o *teatro*. Definindo o ritual como sendo a instituição, o local onde serão conseguidos os recursos para que a performance consiga ser executada: o museu. Enquanto o eixo teatro se refere a dramatização e performance elaborada para contar uma narrativa. É assim que chegamos na comunicação museológica, especificamente a exposição, de uma forma que seja possível sensibilizar os visitantes e, assim, desenvolverem uma relação pessoal para com objeto, esta relação é definida por Guarnieri (2010a) como *fato museal*. Nesse sentido Soares (2012) alega que

Museus não lidam com o passado, mas com aquilo que é possível fazer dele. Neste sentido, a história não é o que aconteceu, mas o que é codificado e transmitido. A performance não é mera seleção de dados arrumados e interpretados; ela é o próprio comportamento “e carrega nela mesma conteúdos originais, fazendo deles o objeto para interpretações mais profundas, a fonte do estudo mais fundo”. Portanto, re-lembrar não é mera restauração de um passado intacto, mas é dispô-lo em uma relação viva com o presente. Museus representam o passado, e também a nossa relação – como atores no presente – com este passado (SOARES, 2012, p. 200).

Baseando-se nesta teoria, elaboramos este esquema para auxiliar na compreensão da relação proposta por Soares:

Figura 1: Relação da Performance Museal



Fonte: Adaptado de SOARES, B. B. por REFOSCO, M. C. (2015)

Reforçando que a participação da materialidade é essencial para que aconteça uma “encenação”, e é notável que esta envolva uma série de elementos para formar a dramatização, percebendo que a materialidade não está apenas centrada nos *atores* – objetos -, mas em todo o cenário expositivo em que ele se encontra, pois, “[...] o que é coletado e valorizado aqui não são objetos ou sujeitos, mas as experiências que nascem de suas interações. O trabalho do museu, no melhor dos cenários, é o de dar algo e receber algo em troca” (SOARES, 2012, p. 202).

Para Guarnieri (2010a), instituições museológicas são essenciais e cumprem um papel de fortalecimento do sentimento de nacionalidade ao serem crivados por “[...] testemunhos de nossa identidade cultural, repertórios organizados de nossa memória” (GUARNIERI *apud* BRUNO, 2010b, p. 187). Mas não apenas como representante de uma cultura local e um ponto referencial de identidade, mas também como comunicador para o público leigo, oferecendo uma oportunidade de experienciar outro ambiente. Para Magalhães e Ramos (2008), também tem a função de ser

[...] uma leitura a partir de determinados parâmetros, e por isso mesmo, nunca pode assumir a condição de conhecimento acabado para (con)vencer o visitante. A partir de problemáticas históricas, que se fundamentam em certos critérios de interpretação, não há “dados”. (MAGALHÃES; RAMOS, 2008, p 59)

Para que estas intencionalidades alcancem o público, é de grande importância que existam outros elementos (iluminação, textualidade, cores, cenário, imagens, gráfico, etc.) para além dos objetos musealizados, caso contrário seriam apenas, como Blanco (1999) defendeu, uma *exhibición*. Reforçamos a ideia defendida pela autora de que o texto expositivo se relacione com o tridimensional, emergindo uma intencionalidade comunicativa, e dessa forma comunicando a *mensaje*. A textualidade se faz fundamental nesta relação comunicacional, o qual será trabalhado no subcapítulo seguinte.

2.1 O papel dos textos expositivos nas exposições

Magalhães e Ramos (2008) nos trazem um trecho do livro “Cem anos de solidão” de Gabriel Garcia Marquez, onde um personagem começa a esquecer dos nomes de seus objetos de trabalho. Então, conforme lembrava, colava um papel no objeto com a nomenclatura respectiva. Por este trecho, os autores analisam a “*letra como instrumento de memória*”, suprimindo a carência do poder que o homem possui de lembrar-se. Continuando a análise deste trecho do livro, os autores trazem que:

A narrativa continua e mostra que o remédio das plaquetas não foi suficiente. Quando tudo parecia estar resolvido diante da peste do esquecimento, veio outro problema. A doença aumentou e ninguém se recordava mais da utilidade das coisas. A solução foi complementar os textos. As inscrições, além de identificar, começaram explicar. Na vaca, por exemplo, ficou pendurado o seguinte letreiro: “esta vaca, tem-se que ordenhá-la todas as manhãs para que produza o leite e o leite é preciso ferver para misturá-lo com o café e fazer café com leite”. (MAGALHÃES; RAMOS, 2008, p. 69)

Há uma aproximação desta análise literária com os elementos textuais em um cenário expográfico. Aproximando-se da ideia, mencionada anteriormente, defendida por Cury (2005a), onde a autora nos traz que um objeto na exposição não oferece subsídios suficientes para que a proposta expositiva seja compreendida por um receptor, nos levando a uma questão: como um museu pode concretizar a contextualização do objeto para que alcance o entendimento de seus visitantes? Já que ambos os autores Blanco (1999), Cury (2005a) e

Soares (2012) defendem que um artefato precisa de um ambiente propício para tal, precisamos de elementos que interajam com a intencionalidade do objeto na exposição, criando uma mensagem, um discurso. Tal mensagem e intencionalidade, Magalhães e Ramos (2008) se utilizam do termo “*o poder das palavras*”, pois retrata o direcionamento que o autor dos textos pode fornecer àquele contexto, chegando até a proporem uma relação de poder em que a escrita tem sob o artefato.

Blanco (1999) enfatiza a necessidade da presença do texto em espaços expositivos, ao defender que nem sempre os visitantes possuem conhecimento prévio do objeto, relacionando-o com a narrativa expográfica apenas por contempla-lo. Além disso, a autora também defende que o texto é o único recurso autossuficiente na questão de conteúdo e possui um papel fundamental, pois é capaz converter uma exibição de objeto para uma exposição com intencionalidade. O que é reforçado por Fernández e Fernández (2007), em seu livro “*Diseño de exposiciones: Concepto, instalación y montaje*”: “En la mayoría de los casos no se puede comunicar de manera efectiva sin palabras, por lo que es necesario un tratamiento cuidadoso de la información.” (FERNÁNDEZ; FERNÁNDEZ, 2007, p. 97).

Uma das definições da palavra “texto”, encontrada no Dicionário de Semiótica de autoria de Coutés (2008), no item 1, possui um trecho que diz “Segundo alguns linguistas (R. Jakobson), a expressão oral e, por conseguinte, o discurso, é anterior à escrita: esta seria apenas um derivado, uma tradução da manifestação oral.” (COUTÉS, 2008, p. 502). Ou seja, a textualidade nada mais é do que um código que transmite um discurso cultural. Cortez (2010) reforça a necessidade da participação do texto nos cenários expositivos, ressaltando a relação social no sentido: objeto, texto, receptor e a relação do receptor para com informação exposta, pois

[...] caracteriza um conjunto de práticas que se baseiam na relação que a instituição pratica com o objecto e com o visitante. Este tipo de relação, determinante à luz da museologia contemporânea, é de carácter imaterial e, portanto, só tem uma hipótese: materializar-se no texto. Assim, parece-me legítimo dizer que o texto tem uma posição de enorme relevância no contexto museológico. É ele quem vai assumir três responsabilidades fundamentais: encerrar o discurso que se

pretende fazer sobre o objecto; dizê-lo de forma conivente com o posicionamento da instituição ou da exposição em causa: dizê-lo de forma a fazer-se ouvir pelo visitante. (CORTEZ, 2010, p. 3).

A escrita emerge o valor imaterial – intrínseco – do artefato. Entendemos que a escrita é um código que comunica e/ou traduz discursos imateriais, mas, ou ao mesmo tempo, este código possui uma base material, pois, assim, é possível compreendê-lo. Então, Cortez (2010) defende que

Quando se pretende escrever um texto para uma exposição tem que ter em conta os seguintes aspectos: o tema a que a exposição está subordinada e a instituição que a acolhe. Ter-se-á, pois, que tornar, em primeiro lugar, uma decisão sobre qual é o posicionamento conceptual de prática museológica que melhor se adequa ao desenvolvimento do tema da exposição, no contexto do posicionamento conceptual da instituição que a acolhe. (CORTEZ, 2010, p. 3)

No caso de um cenário expositivo contamos com dois eixos, um de prática – Expografia - e teórico – Expologia. Cury (2005a) se utiliza de Desvallées (1998), definindo a Expologia como a parte da Museologia, onde é estudado a teoria da exposição e da linguagem comunicacional, museológica e educativa, contemplada pela exposição. Ou seja, todo o processo de elaboração do conteúdo de um cenário expositivo pertence a este eixo. A Expografia “visa à pesquisa de uma linguagem e de uma expressão fiel na tradução de programas científicos de uma exposição” (DESVALLÉES, 1998 *apud* CURY, 2005a, p. 27). Os recursos materiais de comunicação dos processos expológicos, são pensados a partir da expografia. O que podemos interpretar é que, a textualidade se manifesta de forma física na exposição, a partir de códigos que transmitem uma mensagem, ela também faz emergir diretamente o processo expológico dentro da expografia.

Os textos possuem relevância na composição do cenário expositivo e devem ser elaborados de forma lógica que facilite a compreensão do visitante e interaja com outros elementos expositivos. Esta interação é uma relação complexa e vem desde o título, subtítulo, texto introdutório, grupo de textos e legendas, isto é defendido tanto por Blanco (1999) como por Fernández e

Fernández (2007), e cada um deles possui um complemento na exposição. Os autores Luis Alonso Fernández e Isabel García Fernández (2007) nos apresentam a funcionalidade de cada elemento textual:

- a) Título: devem atrair a atenção do leitor, chamando a atenção e resumindo o conteúdo da exposição, também possuem a função de orientar o visitante, apresentando o cenário que está por vir;
- b) Subtítulos: costumam ser pouco mais longos que títulos e focam-se no tema do ambiente, delimitando pouco mais o recorte;
- c) Texto introdutório: ele apresenta a narrativa expográfica de forma concisa e de fácil compreensão, servindo para orientação do público contextualizado narrativa expográfica;
- d) Grupo de textos: os autores dividem em duas categorias, (1) informativos ou interpretativos: são os textos ao longo da exposição com função de unificar conceitualmente a exposição, relacionando os objetos no cenário; (2) detalhados-argumentativos: trazem argumentos sobre a representação no cenário expositivo. Ambas categorias podem possuir seus títulos e subtítulos;
- e) Legendas Identificativas: informações sobre o objeto em exposição; devem conter informações sobre a peça em exposição para que o visitante possa relacioná-lo com a narrativa. Os autores indicam que, ao elaborar legendas que agrupem objetos, deve-se tomar cuidado para não comprometer a legibilidade.

Os autores Chelini e Lopes (2010) designam funções para os textos e suas tipologias:

[...] são cinco as funções dos textos nos museus: 1. fornecer informações sobre os elementos visuais da exposição; 2. dar instruções sobre o que o visitante deve fazer ou procurar; 3. aproximar o tema do visitante; 4. interpretar o conteúdo sensorial do objeto exposto; 5. orientar o visitante sobre o que lhe é fornecido, sobre o assunto a que a exposição faz referência. (CHELINI, LOPES, 2010, p. 371)

Mais afundo Fernández e Fernández (2007) definem características de textos em: geográfico, psicológico, intelectual e conceitual. Porém, são características que acabam se inter-relacionando.

Os textos geográficos são utilizados para sinalizar orientações pelo prédio, ambientes na exposição e legendas para os objetos, condiz com os itens 1 e 5 de Chelini e Lopes (2010) a respeito de orientar o visitante pelo espaço e identificar os elementos no ambiente, o que Blanco (1999) nomeia apenas como “orientativo” e “identificativo”.

Fernández e Fernández (2007) definem como geográfico o título, subtítulo e texto introdutório à exposição, este atua junto com a característica psicológica, pois ele situa, tanto fisicamente como uma preparação intelectual para o visitante sobre a temática da narrativa expográfica.

O “conceitual” se refere aos títulos de cada ambiente expositivo que dialoga, diretamente, com a questão geográfica. Justamente por servir como um ponto de referência sobre a parte da exposição em que o visitante está.

Por fim, temos a característica “intelectual”, muito próxima com a definição de Blanco (1999) para os textos explicativos, ou grupo de textos, focada no entendimento do texto pelo público e em relacionar as legendas dos objetos com o texto, definições próximas com os itens 2 (dois), 3 (três) e 4 (quatro), trazidos por Chelini e Lopes (2010).

Chelini e Lopes (2010) elaboram 3 divisões de tipologias de textos oriundas de museus de ciências, sendo elas: científico primário, vocação didática e texto de divulgação. Em momento algum as etiquetas são mencionadas como participantes desta composição. Cada um desses textos possui uma diferente estrutura de elaboração e uma diferente forma de comunicação com o leitor. Então, buscam trazer uma definição sobre quais os discursos que estas diferentes categorias textuais possuem, sempre recordando que não é um padrão a ser seguido, mas uma predisposição que, na maioria das vezes, na prática, acabam sendo hibridizados nas instituições. Sendo eles:

- a) Científico Primário: neste caso, encontra-se um padrão de lógica dividido em: introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão, com um discurso argumentativo e prudência na análise deste conteúdo, além de permitir que o leitor tire suas próprias conclusões;
- b) Vocação Didática: não há um sujeito presente no texto, apenas apresenta fatos nos textos sem dar a chance do leitor questionar, fazendo com que este se distancie do autor;
- c) Texto de Divulga o: seria um texto jornalístico, baseando-se num discurso que traga a proximidade entre o leitor e a institui o por ter uma estrutura em que as situa es e linguagem cotidianas – léxico coloquial, emprego de juízo de valores, metáforas, compara es, adjetivos e advérbios - se sobressaem privilegiando o leitor, porém, det m um estilo de escrita conciso e objetivo, o que pode ocasionar uma proximidade com o discurso científico.

Os autores discorrem sobre que, para se elaborar um texto, o escritor deve imergir na pesquisa sobre o assunto e procurar se aproximar dos leitores. Para que ocorra a aproxima o, Chelini e Lopes (2010) sugerem que o redator se questione: “O que quero dizer? Para quem quero dizê-lo? Estaria atingindo meu público?” (CHELINI; LOPES, 2010, p. 373), além de fazer um exercício de se colocar no lugar do leitor que pode se perguntar: “Quem está falando comigo? O que ele quer dizer? O que ele realmente diz?” (CHELINI; LOPES, 2010, p. 373).

Apesar desta reflexão sobre como o discurso do texto deve ser apresentado ao público não podemos esquecer que, além da compreensão, devemos nos preocupar com a acessibilidade física dos textos.   preciso que se tenha uma série de normatiza es na disposi o dos textos ao longo de uma exposi o, pois os visitantes são crivados de inúmeras características e algumas podem ocasionar uma dificuldade no acesso da informa o, mas também não há uma fórmula universal de como providenciar estes recursos. Neste caso, utilizaremos como base indicativa a união dos autores Barbosa (1993), Blanco

(1999), Locker (2011) e Fernández e Fernández (2007 e 2010) nas questões referentes a normas técnicas na elaboração e disposição dos textos ao longo da exposição. A respeito da composição dos textos expositivos, configuramos a seguinte tabela:

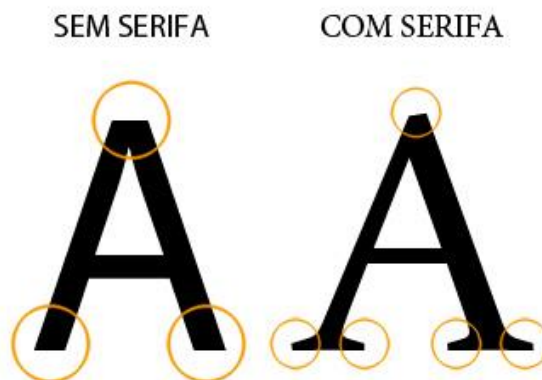
Quadro 1: Configuração de Textualidade em Exposições

<i>Tipo de Texto</i>	<i>Tamanho de Fonte</i>	<i>Quantidade de Palavras</i>	<i>Palavras por Linha</i>
<i>Título</i>	38 – 60	3 – 8	Não indicam
<i>Subtítulo</i>	38 – 120	10 – 25	Não indicam
<i>Texto Introdutório</i>	38 – 60	Até 100	10 – 15
<i>Textos Explicativos</i>	18 – 40	30 – 75	10 – 15
<i>Textos Detalhados- Argumentativos</i>	24 – 32	60 – 80	10 – 15
<i>Legendas Identificativas</i>	14 – 24	10 – 20	10 – 15

Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Os autores tratam sobre a questão de legibilidade física dos textos, e é notável a aproximação das normas estabelecidas por eles, mesmo que sejam originárias de estudos distintos. Temos uma concordância sobre que grupos de textos e textos introdutórios devem ser de uma tonalidade escura sob um fundo claro, preferencialmente preto sob branco. Este contraste facilita a leitura do visitante e infere, diretamente, na compreensão da informação. Também ressaltam que devem ser utilizadas letras maiúsculas e minúsculas, ou seja, o texto não pode ser escrito de forma homogênea apenas com letras maiúsculas ou minúsculas, pois isto dificulta a leitura. Blanco (1999) sugere que cada frase possua, no máximo, 15 (quinze) palavras, a fim de tornar a leitura rápida e dinâmica. Letras que possuem *serifa* são indicadas para facilitar a leitura. Segue abaixo a diferença de letras com *serifa* e sem:

Figura 2: Diferença entre tipos de letras

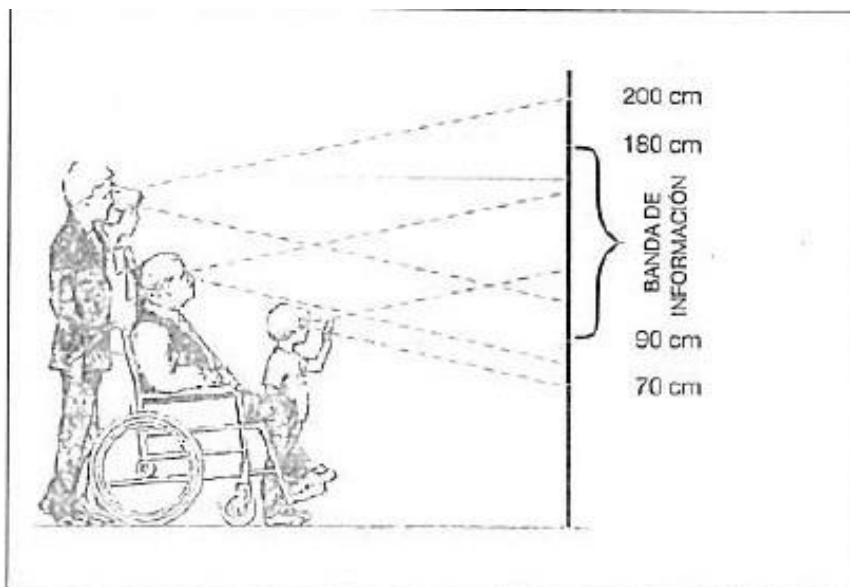


Fonte: RIBEIRO, P. (2014)

A respeito dos títulos e subtítulos, Locker (2011) nos diz que é possível que seja feito um *design* próprio para estes, mas que a equipe curatorial deve se certificar que seja legível e compreensível para o público. Para chamar atenção do leitor, Blanco (1999) defende que elaborar títulos e subtítulos num formato interrogativo instigam os visitantes a buscarem respostas na exposição e, conseqüentemente, acabam por dedicar mais atenção aos textos. Complementando a defesa de Blanco (1999), Magalhães e Ramos (2008) fazem perguntas, provavelmente, retóricas sobre como instigar os visitantes nos próprios grupos de texto “Entre textos ditos “informativos”, por que não escrever palavras provocativas sobre o objeto? Por que não colocar questionamentos acerca do que está exposto, levando o visitante à reflexão?” (MAGALHÃES; RAMOS, 2008, p. 71).

O posicionamento dos recursos textuais, também, é de extrema importância, pois facilita a leitura do visitante. Locker (2011) elaborou uma imagem que nos mostra, aproximadamente, o campo de visão dos visitantes influenciado por sua estatura e/ou condição. Contudo, a autora não deixa claro sobre quais as medidas ideais que devem ser adotadas, mas pela imagem podemos interpretar que a distância de altura mínima entre o solo e a posição dos recursos expográficos deve ser de 90cm, entretanto, não fica claro a altura limite de posicionamento do material. De qualquer forma, podemos perceber que 1,80m pode causar dificuldades na leitura para pessoas com baixa estatura, crianças e pessoas com condições diferenciadas.

Figura 3: Campo de visão para os diferentes tipos de público



Fonte: LOCKER, 2011, p. 120

Um ponto trazido por Blanco (1999), que merece certo cuidado, trata-se da relação dos objetos e textos expositivo para com o público: “[...] los visitantes por sí mismo no relacionan los contenidos con su vida diaria, considera que quizá deben tener los textos.” (BLANCO, 1999, p. 148). Em alguns estudos percebeu-se uma dificuldade do visitante em estabelecer uma relação da exposição com suas experiências, inclusive, sugere-se que os textos relacionem os artefatos com a narrativa expográfica. É essencial que a instituição se mantenha em constante auto avaliação, pesquisando se sua mensagem está sendo compreendida ou indo além do esperado e, para isto, pesquisas de público são essenciais. No próximo item, iremos abordar sobre as formas de avaliação do público que podem ser realizadas com diferentes técnicas de pesquisa, como, por exemplos, entrevistas e observação.

2.2 Referencial Metodológico

Para Minayo (1993), todo o pesquisador deve ser um curioso e questionador, afirmando que

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social. (MINAYO, 1993, p. 61)

Todavia, a autora defende que o pesquisador não deve se basear apenas no empirismo, deve-se entrar em campo, baseando-se em referenciais teóricos, afinal, “não se pode pensar num trabalho de campo neutro” (MINAYO, 1993, p. 63). O embasamento teórico se faz essencial na formulação dos objetivos da pesquisa, na justificativa da mesma e em sua forma de aplicação, preparando os olhos do pesquisador para estar atento as informações que são relevantes em seu estudo, pois, para ela

São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformador em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e compreensão. (MINAYO, 1993, p. 75)

Devemos identificar qual a intenção de nossas pesquisas para definirmos seu formato e aplicabilidade. Existem duas modalidades para obter resultados em uma pesquisa: quantitativa e qualitativa. Segundo Dantas e Cavalcante (2006), a pesquisa quantitativa se caracteriza por

É mais adequada para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utiliza instrumentos estruturados (questionários). Deve ser representativa de um determinado universo de modo que seus dados possam ser generalizados e projetados para aquele universo. Seu objetivo é mensurar e permitir o teste de hipóteses, já que os resultados são concretos e menos passíveis de erros de interpretação. Em muitos casos cria-se índices que podem ser comparados ao longo do tempo, permitindo traçar um histórico de

informação. Mostra-se apropriada quando existe a possibilidade de medidas quantificáveis de variáveis e inferências a partir de amostras numéricas, ou busca padrões numéricos relacionados a conceitos cotidianos (DANTAS; CAVALCANTE, 2006, p. 2).

Minayo e Sanches (1993) contestam que utilizar este material generalizado ocasionaria em uma análise parcial, pois os autores partem do princípio de que uma abordagem quantitativa se baseia na perspectiva matemática-estatística, por serem conceitos abstratos e que a entrada de elementos complementares causa variações em seus cálculos e acabam se distanciando da realidade. Para que seja possível uma aproximação com a realidade, é necessário incluir as variáveis na coleta de dados, ocasionando diversas conclusões.

Dantas e Cavalcante (2006) também definem o que é uma pesquisa qualitativa:

Tem caráter exploratório, isto é, estimula os entrevistados a pensarem livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Mostra aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. É utilizada quando se busca percepções e entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para a interpretação. É uma pesquisa indutiva, isto é, o pesquisador desenvolve conceitos, idéias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados, ao invés de coletar dados para comprovar teorias, hipóteses e modelos pré-concebidos (DANTAS; CAVALCANTE; 2006; p. 2).

A definição de Dantas e Cavalcante (2006) se aproxima dos autores Minayo e Sanches (1993), porém, os últimos fazem uma crítica sobre a relação do pesquisador para com a pesquisa qualitativa

Na verdade, o trabalho qualitativo caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e toma direções privilegiadas. (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245)

Ou seja, corre o risco de o pesquisador acabar considerando apenas o que julga necessário para seu estudo e deixar passar despercebido uma informação que poderia ser relevante e/ou complementar, ou que poderia dar margem para pesquisar uma nova perspectiva. E mesmo que a intencionalidade do pesquisador tenda que o resultado seja vulnerável as suas hipóteses, deve-se lembrar que toda a exposição é elaborada já com uma intencionalidade e é necessário tomar conhecimento se atingiu seus objetivos ou não.

Baseando-se nestes autores, optamos por realizar modalidades de pesquisas que envolvam resultados quantitativos e qualitativos. No âmbito da pesquisa de campo, utilizamos os seguintes instrumentos: questionário – de caráter quantitativo - para se produzir um estudo de público, observação da pesquisadora e entrevista com a equipe curatorial, estas últimas caracterizam-se por serem pesquisas qualitativas. Utilizando-se estas modalidades, busca-se conseguir uma análise com maior profundidade.

Em primeiro momento, trazemos a relevância da realização de um estudo de público. E, parafraseando Soares (2012), a partir do momento em que o cenário expográfico abre as cortinas para a tão esperada dramatização, costuma já ter-se a definição de quem será seu público-alvo, porém, é necessário que seja percebido se realmente é formado uma relação entre a exposição e seus visitantes, avaliando seu alcance, se atingiu apenas o seu foco ou foi além dele, afinal,

Museus não podem prever o que o público irá ver no interior de suas paredes, tanto quanto o espectador não pode prever como um certo museu irá interpretar um tema particular ou um objeto. E isso não resulta em uma relação problemática, porque o elemento da surpresa é, geralmente, importante para os performances e performers (SOARES, 2012, p. 202).

De qualquer forma, é de extrema relevância que a instituição dê voz ao público, o que Cury (2005a) nomeia como “pesquisa de *recepção*”, também

conhecida como “estudo de público”, um campo que busca a intervenção dos visitantes na

[...] avaliação da exposição, ao trazer informações sobre como o público a compreende, assume a forma de *feedback* realimentando o processo através de correções e/ou adequações no meio. (CURY, 2005a, p.41, grifo da autora)

Mas o processo de avaliação não se dá apenas por respostas positivas e/ou negativas, é uma relação profunda entre Museu e público que Cury (2005b) define por:

Avaliar é desvelar a realidade, aprimorar ações, promover atitudes e posturas, atribuir valores. E por promover a transformação que se processa a partir da vontade institucional é entendida como a ‘cultura da avaliação’, que permeia a tomada de decisão em todos os níveis do trabalho em museu. Promove a reflexão sobre os dados de fato em comparação com a realidade desejada, os resultados e as intenções. Promove um juízo de valores a partir da aproximação entre o fato – o referido – e o ideal – o referente. (CURY, 2005b, p. 372)

Cury (2005a) nos relata que no decorrer da história, as instituições museológicas assumiam um papel de emissor e receptor, gerando uma relação de poder onde o emissor, o Museu, possuía um papel ativo na transmissão da informação, enquanto o receptor, o visitante, era visto como um agente passivo e com disponibilidade para absorver toda a informação na exposição. Dentro desta perspectiva, não se permitia a oportunidade de um retorno do público para com a instituição. Lopes e Almeida (2003) nos trazem uma esquematização elaborada por Hooper-Greenhill (1994), intitulada “Modelo comunicativo aplicado à exposição”, para ilustrar esta relação:

Figura 4: Modelo comunicativo aplicado a exposição



Fonte: HOOPER-GREENHILL, 1994 *apud* ALMEIDA; LOPES, 2003, p. 139.

Estes autores afirmam que esta relação de comunicação não representava a participação do receptor/público, nas exposições. Após uma série de estudos foi constatado que os receptores não são apenas agentes passivos que absorvem a mensagem da exposição. Os pesquisadores partem do princípio de que o visitante já possui uma carga de experiências, baseando-se em sua cultura e ambiente de convívio para se apropriar do conteúdo exposto. Diferente deste esquema apresentado, esta nova perspectiva valoriza a compreensão dos visitantes, mesmo que não exista uma forma de participação direta.

Contudo, numa atual perspectiva a respeito das instituições museológicas, o livro “Conceito-Chave de Museologia” nos traz a definição do ICOM:

[...] o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação deleite (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64).

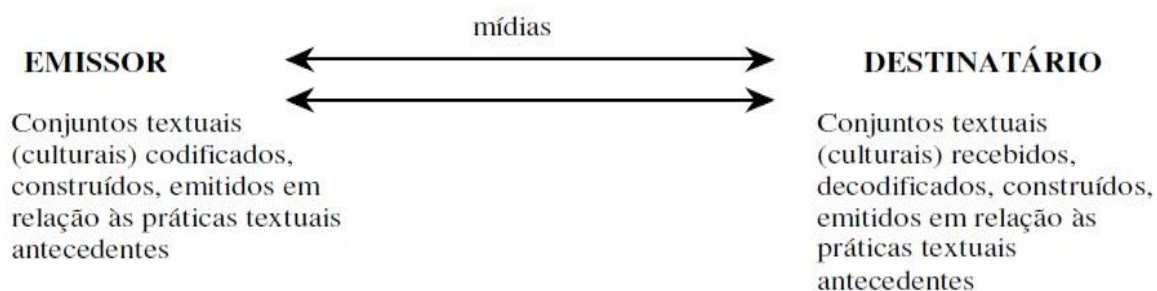
Ressaltamos o trecho “*a serviço da sociedade*”, isto nos indica que o museu possui um papel social para com a comunidade e deve corresponder

àquele contexto em que está inserido. Para tal, é necessário que sejam realizadas pesquisas a respeito do público que se deseja atingir para se elaborar uma narrativa expográfica e, assim, é possível avaliar a percepção dos visitantes e o que a instituição possa se perceber e avaliar se está atingindo seus objetivos ou não. É o que Cury (2005a) chama de *perspectiva interacionista* onde acontece o *feedback* para uma pesquisa de *recepção* de público. Nesta perspectiva é quebrada a relação de poder da comunicação museal sob os receptores,

[...] pois compreende comunicação como encontro entre os pólos que, aqui, não são entendidos como opostos. As setas, de fato, partem sucessivamente de ambos os pólos e se encontram, isto porque não há domínio de nenhum dos dois sobre o outro. Essa perspectiva procura a interação entre a mensagem e o visitante, própria do encontro de partes que negociam o significado da mensagem. O emissor e o receptor existem, mas ambos são enunciadores e enunciatários, indivíduos e sujeitos, posto que cada uma das partes, a seu tempo, apropria-se de discursos que circulam em seu meio, reelabora-os e, então, cria os seus próprios discursos. [...] A proposta do processo comunicacional não está na mensagem e sim na interação, espaço de encontro entre emissor e receptor, de negociação e estruturação do significado, de construção de valores e, por que não, questionamentos, diferenças e conflitos (CURY, 2005b, p. 370).

Almeida e Lopes (2003) reafirmam esta relação trazendo a esquematização Fusari e Dupas (1997), onde é retratada como comunicação “semiótica textual”, também baseada no *feedback* e ilustra a ideia de Cury (2005b) das setas se projetando em direção e a partir dos dois polos:

Figura 5: Modelo semiótico-textual da relação comunicativa



Fonte: FUSARI; DUPAS, 1997 *apud* ALMEIDA; LOPES, 2003, p. 139

Neste sentido, o estudo de público desenvolve um papel essencial para estabelecer esta comunicação e Cury (2005a) nos apresenta seis² aspectos que devem ser levados em conta na avaliação de exposições. Contudo, vamos nos ater a um deles, que dialoga diretamente com a proposta desta pesquisa, a “Avaliação Somativa”, pois esta desenvolve um trabalho diretamente com os visitantes. Esta modalidade de avaliação permite perceber a relação de interação do público para com o cenário expográfico e a aprendizagem que este tem a partir da exposição. A autora não nos traz uma metodologia de confecção e aplicação de uma pesquisa de recepção, mas contribui para a identificação dos aspectos que devem ser avaliados no estudo de público.

Para a pesquisa de público deste trabalho, utilizamos como base e inspiração os resultados de um estudo apresentado no artigo “O Impacto do Discurso Museográfico nos visitantes da exposição L'Art Italien et la Metaphisica. Le Temps de la Mèlancolie 1912-1935, apresentada no Museu de Grenoble de março a junho de 2005”, no livro “O Lugar do Público – Sobre o Uso de Estudo e Pesquisas pelos Museus”. Nesta pesquisa, a instituição museológica realiza um estudo de público que visa compreender se as metodologias utilizadas na exposição correspondiam às expectativas de seu público. Para tal, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com visitantes aleatórios e a conversa acontecia dentro da própria exposição.

No relatório desta pesquisa, surgiu uma categoria que indicava a relação que os visitantes estabeleceram com os textos expositivos e a exposição,

² 1. Avaliação Preliminar ou Conceitual: colabora para a definição exata do conteúdo da exposição e dos conceitos a serem trabalhados, conhecendo a familiaridade do público com relação ao conteúdo, para a definição dos melhores recursos expográfico da exposição; 2. Avaliação Formativa: colabora para o refinamento da exposição durante seu processo de execução, melhorando o design e organização dos recursos expositivos; 3. Avaliação Corretiva: provoca modificações imediatas de aspectos insatisfatórios da exposição a partir da comparação entre o proposto e o executado, por meio da participação do público; 4. Avaliação Somativa: analisa a interação entre a exposição e o público, a partir do modelo museológico de comunicação proposto, conhecida como pesquisa de recepção; 5. Avaliação Técnica ou Apreciação Crítica: colabora para o refinamento técnico da equipe quanto à concepção do desenho da exposição e para o exercício de autocrítica, é realizada pela equipe e convidados; 6. Avaliação do Processo: visa o refinamento das metodologias e técnicas de trabalho e planejamento, colaborando para a aprendizagem da equipe no desenvolvimento de exposições. (CURY, 2005b)

chegando ao ponto de alguns manifestarem interesse em possuir cópias dos mesmos. O motivo disto se dá pelos visitantes afirmarem a qualidade do léxico³ e sintaxe⁴ desta exposição entra em consonância com a proposta expositiva, além de relatos de que a linguagem de escrita dos elementos textuais tornou mais acessível um conteúdo erudito. Levando em consideração estas afirmações, resolvemos produzir um estudo que também abordasse questões voltadas aos elementos textuais.

Tendo em vista a intencionalidade por trás de um estudo de público, Cury (2005a) nos traz teorias administrativas, aplicadas à Museologia, sobre os conceitos de estratégia, tática, planejamento e plano. Estratégias são nossas metas, podem significar o que queremos alcançar, e, no caso, desta pesquisa em questão, envolve a produção de um questionário objetivo a respeito da acessibilidade física dos textos expositivos, questões sobre o entendimento dos mesmos e, por fim, se o visitante percebe uma relação entre o acervo tridimensional com os elementos textuais. Estes tópicos que serão abordados nas perguntas são essenciais para percebermos o que queremos alcançar com o estudo o estudo de público. A partir disto, entramos no *planejamento* que é o processo de elaboração do formato físico em que a avaliação de público será aplicada que, no caso, foi pensada em um formato de meia página de uma folha A4, para rápido preenchimento do público.

Enquanto a *tática* é o recurso aplicável para concretizar a *estratégia*, onde produzimos um questionário (vide Apêndice A e B) contendo contém 8 perguntas para o participante classificar com as notas de 1 a 6. Cada nota se refere a uma avaliação classificadas em: 1: Péssimo, 2: Ruim, 3: Regular, 4: Bom, 5: Muito Bom e 6: Excelente. Esta numeração corresponde a avaliação das seguintes perguntas relacionadas aos textos expositivos, sendo elas: Pergunta 1: “O textos estão em boa altura?”, esta questão visa buscar se o elemento textual esta em

3 Compilação que possui, em ordem alfabética, os vocábulos de uma língua ou os termos que fazem referência a uma determinada matéria. (Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/lexico/>> Acesso em 11 de jun. 2016)

4 Parte da gramática que trata das funções das palavras na frase e das relações entre si. (Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/sintaxe/>> Acesso em: 11 de jun. 2016)

um posicionamento confortável para a leitura do visitante; Pergunta 2: “O tamanho da letra do texto facilita a leitura?”, remete a questões de acessibilidade da legibilidade baseando-se no tamanho da fonte; Pergunta 3: “Os textos são entendidos facilmente?”, temos intencional de perceber em que escala o visitante possui, ou não, dificuldade para compreender os textos; Pergunta 4: “As legendas das vitrines estão em boa altura?”, novamente, uma questão sobre o posicionamento do elemento; Pergunta 5: “O tamanho da letra das legendas facilita a leitura?”, o intuito desta pergunta acaba repetindo a da outra, pois as indicações para tamanho de fonte para legendas e para grupo de textos são diferenciadas, então se faz necessário repetir; Pergunta 6: “As legendas nos textos são entendidas facilmente?”, pergunta voltada para a compreensão das palavras em destaque nos grupos de textos que possuem legendas; Pergunta 7: “Considera os textos importantes em uma exposição?”, com esta pergunta procuramos saber o quão relevante o participante considera a participação da textualidade em exposições; Pergunta 8: “Como você avalia a relação dos textos com os objetos na exposição?”, esta pergunta se relaciona diretamente com as anteriores, pois para que o público perceba a relação da narrativa entre os textos e os objetos, os elementos textuais devem ser de fácil acesso e entendimento.

As questões colaboraram para se obter o *plano*, ou seja, para entender como os participantes veem os textos nas exposições analisadas, sendo o resultado dos processos anteriores, ou seja, o *produto*.

Nesta pesquisa, também foi necessário conhecer as intenções das exposições, por isso foram realizadas duas entrevistas, perante autorização (vide Anexo II) com perguntas previamente estabelecidas o que, segundo Severino (2007), caracteriza-se como estruturadas (vide Apêndice C e D) com funcionários do Museu. A entrevista é uma modalidade de pesquisa onde acontece a interação entre pesquisador e pesquisado. As entrevistas para este trabalho sofreram alterações em algumas perguntas, pois após a realização da primeira entrevista, foi percebido que alguns detalhes não foram abordados. E para Minayo (1993), entrevistas podem nos trazer duas naturezas de informações:

(a) os primeiros dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, documentos, atestados de óbitos e outros; (b) os segundos – que são objetos principais da investigação qualitativa – referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. (MINAYO, 1993, p. 65)

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, as perguntas elaboradas nos permitem coletar ambos os tipos de informações, pois, algumas questões voltam-se para assuntos técnicos que podem ser encontrados em livros e em *sites*. Enquanto outras remetem a informações que apenas a equipe curatorial tem acesso.

Na pesquisa baseada pela observação, para Minayo (1993) é essencial que o pesquisador se insira no contexto observado, relativizando o espaço, coletando dados e compreendendo seu contexto. A autora defende que esta modalidade de investigação é essencial para se conseguir respostas que um estudo quantitativo nem sempre alcança e sua análise é obtida através de vinculações entre os dados coletados com o referencial teórico.

A elaboração de um cenário expositivo passa pelos mesmos processos administrativos trazidos por Cury (2005a) e a partir deste produto, a exposição, é possível aplicar uma avaliação, confirmando se as suas metas foram alcançadas ou não. Todavia, deve-se conhecer o espaço em questão para a aplicação da pesquisa de campo. Logo, para que seja apresentado no quarto capítulo os resultados do questionário, entrevista e observação, o próximo capítulo e subcapítulos irão contextualizar o ambiente, visando facilitar a compreensão do leitor.

3. O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul: Breve História e Seu Contexto Atual

Segundo Quevedo, Külzer e Pomatti (2015), após o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (SIMERS), criado em 1931, conquistar suas pautas em relação à regulamentação e legislação da profissão médica, produzem, em 2005 um projeto para a criação de um museu. Segundo Juliane Conceição Primon Serres (2010), o projeto foi intitulado como “Memória Médica” e tinha como intenção a sensibilização dos profissionais da categoria médica sobre a importância de seu patrimônio e, assim, reunir acervo. A autora nos traz que “[...] nos anos seguintes criou-se o “Acervo Histórico SIMERS” espaço destinado à pesquisa e guarda de material coletado, o passo seguinte foi a criação do Museu” (2010, p. 72). Em 2006 é criado o Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM), um museu de caráter particular mantido pelo Sindicato e por seus contribuintes, utilizando-se de seu acervo institucional e coletando material para produção e ampliação de seu acervo.

O projeto do Museu é iniciado em 2005 o qual “visava a entrevistar profissionais médicos da capital e do interior, embora não se tivesse muito claro naquele momento como preservar as narrativas/trajetórias de vida desses profissionais.” (QUEVEDO; KÜLZER; POMATTI, 2015, p.160). A partir disto, historiadores que participavam do projeto perceberam a potencialidade deste projeto e propuseram a criação de um Museu. Fundado em 2006, o Museu havia realizado uma exposição itinerante que circulava pelo estado do Rio Grande do Sul e funcionava somente como reserva técnica em um prédio locado. Apenas em 2007 consegue um espaço para considerar sua sede, quando o Hospital Beneficência Portuguesa faz um comodato, oferecendo um prédio tombado.

O Hospital também possui um convênio com a instituição museológica onde

Para melhor conservação do acervo, foi assinado um convênio, em 2007, reunindo o Museu de História da Medicina (MUHM/Simers), a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e a Beneficência. O acordo permitiu a recuperação dos materiais, a partir de cuidadosa avaliação de cada um dos documentos, sua descrição e organização. Além disso, a iniciativa

possibilitou que 56 graduandos em história participassem do projeto em regime de voluntariado, sob coordenação de um professor, aprofundando sua experiência extracurricular. (BENEFICÊNCIA HOSPITAIS, 2014)

De acordo com seu *site*⁵, a Instituição possui dois prédios em funcionamento, ambos em Porto Alegre, a reserva técnica localizada na Av. Bento Gonçalves, número 231, no Bairro Partenon e outro se encontra na Av. Independência, número 270. Este segundo edifício destina-se para a sede administrativa do MUHM, onde ocorrem as ações educativo-culturais e exposições de longa e curta duração. Vale destacar que o prédio está localizado numa das avenidas centrais da cidade, o que facilita seu acesso aos visitantes.

Este novo espaço possui a intenção de realização e divulgação de suas atividades expositivas. O Entrevistado 1 nos relata que nestes dois primeiros anos foram produzidas duas exposições, mas devido à falta de recursos para produzir novas exposições nas suas salas expositivas, a equipe começa um movimento de produzir uma exposição de longa duração. Em sua fala nos diz “Queríamos firmar o Museu, então vimos uma exposição que congregasse o cerne do Museu, “História da Medicina” (Entrevistado 1, 2015, inf. verb.).

O quadro atual da equipe é composto entre funcionários efetivos e estagiários, possuindo uma diversidade de profissionais trabalhando em conjunto, entre médicos, historiadores, museólogos, arquivistas, pedagogos e bibliotecários.

Atualmente o museu possui duas exposições em andamento, uma delas é de longa duração: “DESAFIOS: A Medicina e a Luta pela Vida”, inaugurada em 2009. A segunda exposição, de média duração, intitulada: “Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento Sobre a Base da Vida Humana” inaugurada em 22 de maio de 2015 que havia sido programada até fevereiro de 2016, porém, devido ao sucesso da exposição, principalmente com o público escolar, foi prorrogada até setembro de 2016.

⁵Site do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM): <<http://www.muhm.org.br/>>

Neste ambiente foi realizada a aplicação da pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso, envolvendo um questionário destinado para preenchimento dos visitantes que foi utilizado como técnica de pesquisa para realização de um estudo de público. Além da realização de entrevistas estruturadas com funcionários da instituição com questões previamente elaboradas a respeito da montagem das exposições, focando-se na relação do texto com o cenário expositivo. Todavia, para melhor configuração da pesquisa, foi necessário conhecer o espaço expositivo e sua expografia, pois a proposta é trabalhar os textos expositivos e relação que eles possuem com a exposição.

Em relação aos elementos textuais, o Entrevistado 2 nos passou informações a respeito dos padrões de técnicas utilizados para inseri-los nas exposições e nos autores em que buscam referências. Onde se utilizam do segundo volume dos Cadernos Museológicos⁶, intitulado “Acessibilidades a Museus”, do ano de 2012, pela autoria de Regina Cohen, Cristine Duarte e Alice Brasileiro. Este material toma por base a norma NBR9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), que também é utilizado como referência na elaboração dos textos expositivos do Museu. Ambos os materiais são voltados para acessibilidade de pessoas com deficiência, principalmente pessoas com baixa visão, cegos e surdos, indicando que a instituição produz seus recursos expográficos num viés inclusivo quanto aos elementos textuais.

Cohen, Duarte e Brasileiro (2012) nos trazem que a legibilidade dos textos, fonte e tamanho da mesma, deve ser estudada a partir da distância em que se deseja obter uma leitura e entendimento claro. Indicam que o tamanho da fonte deve ser aumentado sempre que necessário, proporcionando conforto em sua leitura. Quanto à composição dos elementos textuais, as autoras defendem que: (a) o título deve transmitir a ideia principal do conteúdo em exposição; (b) os textos expositivos devem ser compostos por frases curtas, apresentando uma ideia por frase (defendem que isto facilita a comunicação), sendo claras e concisas na transmissão da mensagem; (c) evitar imagens ou

⁶ Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/acessibilidade_a_museu_miolo.pdf

fundos tracejados nos textos; (d) as legendas para o acervo tridimensional devem ser individuais (este item será aprofundando nos subitens seguintes de descrição das exposições); (e) a altura dos textos devem estar em 0,90cm e 1,40m, buscando contemplar várias tipologias de público.

Na ABNT encontramos uma tabela que indica um nível de qualidade de contraste em relação às cores do texto e fundo, apresentamos o que é considerado de nível médio à alto abaixo:

Quadro 2: Exemplo de contraste de cores

Nível/qualidade iluminação	Textos, caracteres e pictogramas	Fundo	
Médio/alto	Preto	Branco	
		Amarelo	
		Laranja	
		Cinza claro	
	Branco	Preto	
		Vermelho escuro	
		Verde	
		Marrom	
	Verde escuro	Branco	Cinza escuro
			Vermelho escuro
			Azul escuro

Fonte: ABNT NBR 9050, 2004, p. 22

A ABNT também nos indica o formato dos textos de orientação, dentre as funções indicativas dos textos de orientação, a norma inclui objetos, ou seja, nos permite interpretar numa característica voltada para legendas de exposições. É recomendado para estes textos: (a) voz ativa; (b) uma oração na seguinte ordem: sujeito, verbo e predicado; (c) as sentenças devem estar sempre na forma afirmativa. De forma generalizada, indicam letras simples e sem serifa, evitando “padrões ou traços internos, fontes itálicas, recortadas, manuscritas, com sombras, com aparência tridimensional ou distorcidas (aparentando ser excessivamente largas, altas ou finas)” (ABNT, 2004, p. 24).

Sendo assim, a instituição elaborou regras bases para confeccionar os textos expositivos, onde: (a) a fonte deve ser simples e sem serifa; (b) o tamanho da fonte para legendas é a partir de 18; (c) tamanho da fonte para textos é a partir de 24; (d) textos justificados à esquerda, com recuo na primeira linha e espaçamento maior entre parágrafos.

Após conhecer a técnica que é utilizada na instituição, foi de relevância conhecer o público alvo e os estudos de públicos, como os aplica e analisa. No caso do MUHM, o Entrevistado 1 nos informou que a instituição não possui um posicionamento definindo um público alvo,

[...] mas temos 2 públicos bem definidos que é um público mais geral, e aí entram os escolares e todo mundo que vem nos visitar, e o público médico. A categoria médica, quando entra aqui no Museu, ela tem que se ver representada nessas exposições. Então, dá para perceber que nós temos informações históricas de todas as trajetórias, seja na “Desafios” ou na “Anatomia”, foi assim na exposição sobre a AIDS, foi assim na exposição sobre o futebol. (Entrevistado 1, 2015, inf. verb.)

A respeito das pesquisas de público, encontramos pelo livro de assinatura, onde, o Entrevistado 2, nos diz que o livro de assinatura é limitado, pois nem todos os visitantes assinam, mas que é possível obter informações relevantes a respeito de quem são os visitantes no Museu. Neste caso, ela relata que as mediadoras contabilizam as pessoas que estiveram na exposição, mesmo que não tenham assinado o livro de assinatura, e comparam as informações. Assim, o Museu tem controle sobre o número de visitas.

Além disso, possuem um questionário (vide Anexo I) oferecido ao público de participação opcional e, a partir deste questionário, a equipe busca traçar um perfil de seus visitantes.

Outro estudo de público também é realizado, mas voltado apenas para as ações educativas do Museu. Após as visitas escolares que foram agendadas, é aplicado um questionário, este último é enfatizado no artigo que se encontra no livro “Experimentações em lugares de memórias: ações educativas e patrimônios” lançado em 2015:

[...] é solicitado ao professor e ao grupo que preencham um questionário para que, através dele, seja possível avaliarmos nosso trabalho. Essa é uma oportunidade para rever e ampliar a compreensão das ações educativas do Museu e do significado do processo museológico. Assim, avaliar a visita e reunir percepções coletivas também faz parte das ações do Museu, pois acreditamos que essa troca propicia que nossa estratégia pedagógica se aproxima cada vez mais do universo escolar e do cotidiano do aluno. (QUEVEDO; KÜLZER; POMATTI, 2015, p. 168)

A partir destas ações, percebemos que o MUHM realiza estudos de público, o que demonstra preocupação com o *feedback* de seu público e procura aprimorar suas atividades.

Nos próximos subitens, será feita a descrição das duas exposições que foram aplicados os questionários para estudo de público a respeito da relação dos textos expositivos com o cenário expográfico. Percebendo também as aproximações entre os autores que teorizam as técnicas expográficas e a forma em que os elementos estão na exposição.

3.1 Descrição da exposição “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida”

Até o ano de 2008 o museu só havia realizado exposições de curta e média duração, e em 2009 surge a ideia de planejar uma exposição que consolidasse a instituição como museu, eis que surge a “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida”. Esta é exposição que anteriormente foi citada pelo Entrevistado 1, tinha por intenção estabilizar a existência do MUHM em uma exposição que representasse o cerne da instituição.

No período de realização da observação e diário de campo no museu, esta exposição teve um objeto e sua legenda acrescentados, enquanto outro objeto estava sem sua legenda, que foi recolocada no mesmo dia.

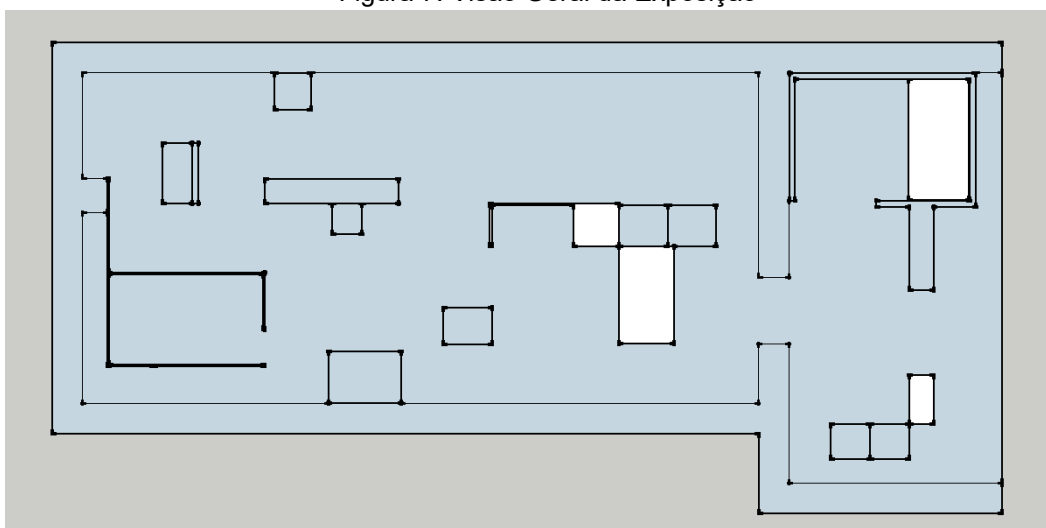
Figura 6: Fotografia geral da exposição



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

A fotografia acima exemplifica a distribuição complexa de elementos dentro do espaço, o que poderia ocasionar interpretações errôneas se fosse descrita textualmente. Então, utilizaremos como recurso fotografias e reproduções desta exposição, pelo programa *SketchUp*⁷, elaboradas, exclusivamente, para este Trabalho de Conclusão de Curso, por Daniel R. Acosta, aluno de Engenharia Civil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Figura 7: Visão Geral da Exposição



Fonte: ACOSTA, D. R. (2015)

⁷ Software desenvolvido pela empresa At Last Software para criação de modelos 3D em computador.

A exposição é dividida por regiões e cada uma delas possui um título, o Entrevistado 1, nos relata que estes eixos foram escolhidos por se tratarem de processos que constituem a História da Medicina. Para descrever o espaço, e facilitar o entendimento do leitor, dividimos as regiões da exposição em cores diferentes. Abaixo elaboramos a seguinte legenda, cujas cores correspondem às regiões da reprodução pelo programa *SketchUp*:

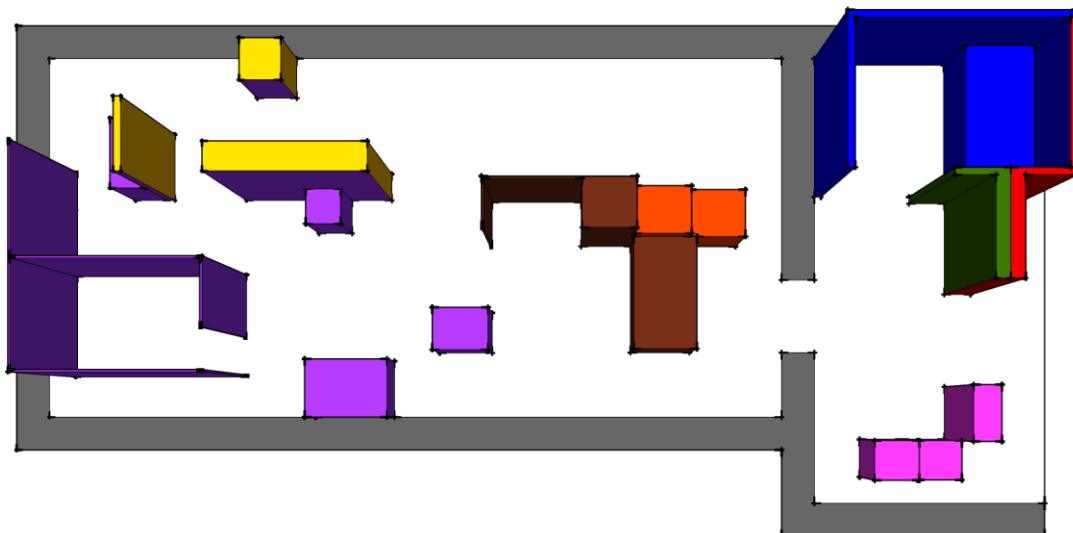
Quadro 3: Legenda de Cores I

Legenda de Cores		
Região 0		Mostra
Região 1		Texto de Abertura
Região 2		Costumes
Região 3		Conhecimentos
Região 4		Diagnósticos
Região 5		Tratamentos
Região 6		Causa das Doenças
Região 7		Especialidades

Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Então, os títulos de cada núcleo expográfico remetem a conceitos, escolhidos pela equipe curatorial, que permeiam a área da saúde. A forma de organização dos eixos soa como algo crescente, partindo das influências dos costumes e/ou hábitos, até a criação das especialidades médicas. Ou seja, aparentemente não há um tempo cronológico na exposição, mas conceitos cronológicos do desenvolvimento da área de saúde.

Figura 8: Perspectiva Geral: Marcação das Regiões

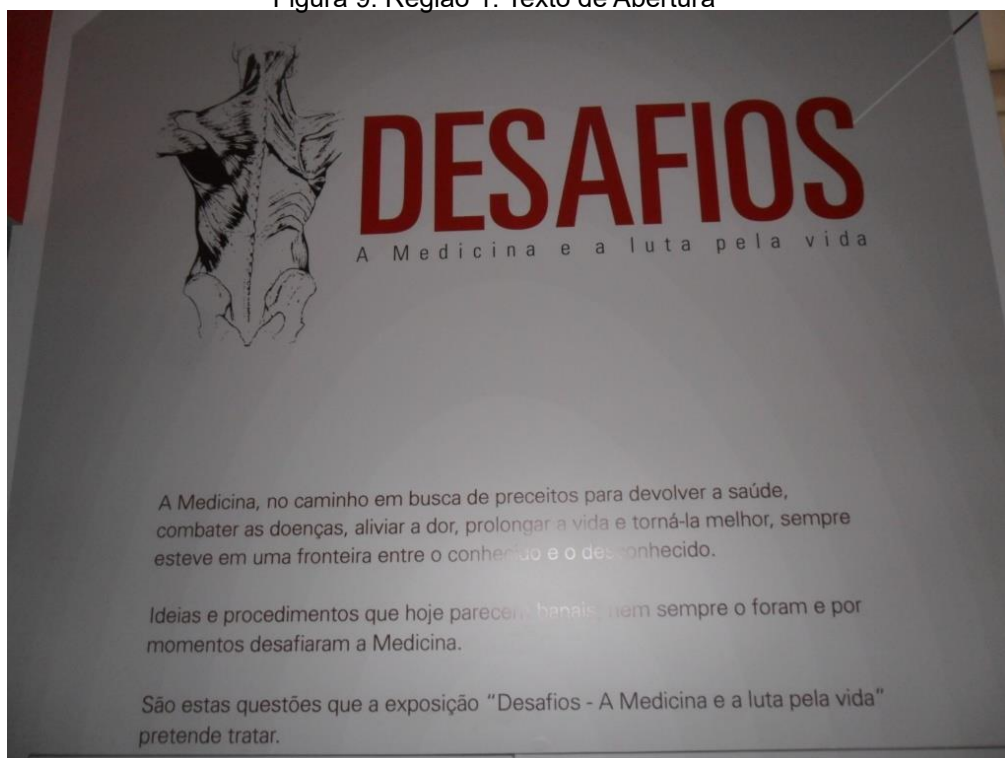


Fonte: ACOSTA, D. R. (2016)

A Região 0 não pertence à exposição “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida”, neste espaço encontramos três mostras que retratam a instituição MUHM, a função de uma reserva técnica na instituição museológica e uma seção chamada “Destaque do Acervo”, onde são exibidas peças da reserva técnica que não fazem parte das exposições, mas que são consideradas de grande relevância histórica e são trocadas periodicamente. Nesta região, encontramos três textos expositivos com três títulos diferentes, mas apenas na seção “Destaque do Acervo” são utilizadas legendas.

Contudo, iremos nos deter para a análise da exposição em questão e seria interessante retornarmos para a legenda de cores, baseada nos nichos do espaço expositivo. A partir da Região 1 estamos iniciando o percurso na exposição de longa duração a partir do título composto por 8 palavras e texto de abertura do cenário, com 69 palavras, o número de palavras por linha gira em torno de 2 a 15.

Figura 9: Região 1: Texto de Abertura



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Nota-se que o título e subtítulo possuem uma hierarquia, destacando a palavra “Desafios” e o subtítulo em uma escala menor. À esquerda, há um logotipo que faz parte do título e, aos olhos do público, auxilia no reconhecimento desta exposição, servido como uma identidade visual para a mesma.

O segundo eixo, “Costumes”, encontrado à esquerda, retrata a percepção sobre atitudes cotidianas que influenciam diretamente ou indiretamente na saúde pública.

Figura 10: Região 2: Costumes



Fonte: REFOSCO, M. R. (2015)

O título desta região possui apenas 1 palavra; 3 textos expositivos, o menor texto possui 82 palavras e o maior 159, com, em média, 1 a 15 palavras por linha. Possui 4 legendas, destinadas a explicar palavras destacadas nos textos, a menor com 5 e a maior com 112 palavras, de 3 a 10 palavras por linha. Sendo que 6 legendas são destinadas para objetos e imagens, a menor com 11 e a maior com 72 palavras, com uma média de palavras por linhas entre 2 a 10.

O próximo eixo – “Conhecimentos” – remete a uma perspectiva histórica sobre processo inicial dos estudos anatômicos e as informações que foram obtidas ao longo séculos para os avanços da profissão. Este núcleo é encontrado

à direita de quem entra na exposição, logo após passar pelo “Destaque do Acervo”.

Figura 11: Região 3: Conhecimentos – Perspectiva A



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 12: Região: Conhecimentos – Perspectiva B



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

O título possui 1 palavra; temos 2 textos expositivos, de 49 e 126 palavras, sendo que; 6 legendas para palavras no em destaque no texto, entre 20 e 72 palavras e, por linha, de 4 a 15 palavras.; por fim, apenas 1 legenda para objeto constituída por 35 palavras, com linhas de 1 a 10 palavras.

A seguir, temos o núcleo “Diagnósticos” representando as evoluções tecnológicas, na categoria médica, de aparelhos que auxiliam na identificação de doenças nas pessoas.

Figura 13: Região 4: Diagnósticos – Exibição de Objetos



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Figura 14: Região 4: Diagnósticos – Texto Expositivo e Área Interativa



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Nesta região, novamente, o título tem 1 palavra; temos 1 texto expositivo com 132 palavras com linhas compostas entre 8 a 15 palavras; possui 3 legendas para palavras destacadas no texto, de 39 e 94 palavras, com a média de 1 a 19 palavras por linha; 8 legendas para objetos, contabilizando palavras entre 11 e 72, com 1 a 10 palavras contabilizadas por linhas.

Neste eixo, temos uma parte interativa, onde existem 2 estetoscópios para manejo do público, porém, não encontramos nenhuma legenda que indique que os objetos possam ser tocados. Apesar disto, ao fazer uma observação, foi percebido que neste caso a falta da legenda não impede que os visitantes manuseiem os estetoscópios.

E, conseqüentemente, chegamos ao núcleo sobre tratamentos, retratando inúmeras técnicas para se alcançar o bem-estar do paciente.

Figura 15: Região 5: Tratamentos – Trajeto Inicial



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 16: Região 5: Tratamentos – Texto Principal e Vitrine



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 17: Região 5: Tratamentos – Gavetas Expositivas, Banner e entrada para sala cirúrgica



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 18: Região 5: Tratamentos – Sala Cirúrgica



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 19: Região 5: Tratamentos – Saída do Núcleo



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 20: Região 5: Tratamentos – Quadro na Saída do Núcleo



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

O título possui apenas 1 palavra; total de 4 textos expositivos, onde o menor contém 27 palavras e o maior de 174 palavras, foram contabilizadas uma média de 3 a 18 palavras por linha. Encontramos 3 legendas para palavras destacadas nos textos expositivos, o menor com 20 e o maior com 81 palavras, entre 2 a 18 palavras por linha. Enquanto são dedicadas 21 legendas para objetos e imagens, variando entre 15 e 219 palavras, com uma média de 1 a 16 palavras por linha.

Logo após, há a região “Causa das Doenças”, expondo como exemplo imagens ampliadas com os agentes causadores de doenças e as principais ferramentas utilizadas na identificação destes micro-organismos.

Figura 21: Região 6: Causa das Doenças



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Na parede à esquerda há 3 vitrines com imagens ampliadas de bactéria, bacilo e vírus, em cada um há o nome do agente e explicação das reações dos mesmos, esta parte nos causou inquietações a respeito se a textualidade é considerada legenda ou textos expositivos. De certa forma elas se assemelham a legendas, pois explanam a respeito dos agentes causadores de doenças, mas possuem uma diagramação e configuração hierárquica como os textos expositivos. Recebemos como resposta do Entrevistado 2 que são textos expositivos, pois tem a função de explicar o eixo no espaço expositivo.

Diferente dos outros nichos, seu título de abertura possui 3 palavras, contendo 4 outros títulos para textos, que possuem 1 palavra cada. O que totaliza em 5 textos expositivos de 51 palavras, o menor, e 153, o maior, contabilizamos de 1 a 23 palavras por linhas. Encontramos 6 legendas destinadas a palavras destacadas nos textos expositivos, variando entre 61 a 141 palavras com, em média, 5 a 24 palavras por linhas. Um total de 3 legendas para a identificação de objetos de 22 a 31 palavras, com a média de palavras por linha entre 1 a 10.

Por fim, temos o eixo “Especialidades”, apresentando o resultado de todo este desenvolvimento, pois as especialidades médicas foram surgindo graças às pesquisas na área de saúde que estão apresentadas na exposição em forma de conceitos.

Figura 22: Região 7: Especialidades – Obstetrícia



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Figura 23: Região 7: Especialidades – Oftalmologia



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Temos dois títulos, o primeiro possui 1 palavra e o segundo 4 palavras; a região é composta por 2 textos, sendo eles de 133 e 139 palavras e contabilizamos uma média de 1 a 17 palavras por linhas. Não há legendas para

palavras destacadas no corpo dos textos. Encontramos 7 legendas para objetos e imagens, compostas de 16 a 216 palavras e uma média de 1 a 16 palavras por linha.

De forma generalizada, os títulos na exposição possuem de 1 a 8 palavras, incluem-se o título da exposição; os textos expositivos são compostos entre 27 e 174 palavras com a média de 1 a 23 palavras por linhas; as legendas para palavras em destaque nos textos de 5 a 141 palavras com 1 a 24 palavras por linha, em média; e, por fim, as legendas de objetos e imagens de 11 a 216 palavras e média de palavras por linha se configura em torno de 1 a 16 palavras. Com exceção dos títulos e subtítulos, o restante dos elementos textuais varia na quantidade de palavras indicada pelos autores Barbosa (1993), Blanco (1999), Locker (2011) e Fernández y Fernández (2007), algumas situações possuem uma quantidade menor do que o indicado e em outras uma quantidade maior.

Nestes eixos que permeiam conceitos temos uma sequência semelhante à introdução, metodologia, desenvolvimento e conclusão, intensamente ligado ao discurso científico primário, trazidos por Chelini e Lopes (2010). Contudo, individualmente, identificamos nos textos, baseados nos mesmos autores, caracterizados por “vocalização didática”, pois não encontramos um sujeito no texto. Segue um exemplo abaixo, texto retirado do eixo “Tratamentos” apresentado no quadro abaixo :

Quadro 4: Texto Exemplo do Núcleo Tratamento

Os anestésicos eram aplicados através da inalação. Para isso, foi necessário o desenvolvimento de alguns equipamentos, que serviam de suporte para os panos embebidos nas substâncias anestésicas.

Fonte: MUHM (2009).

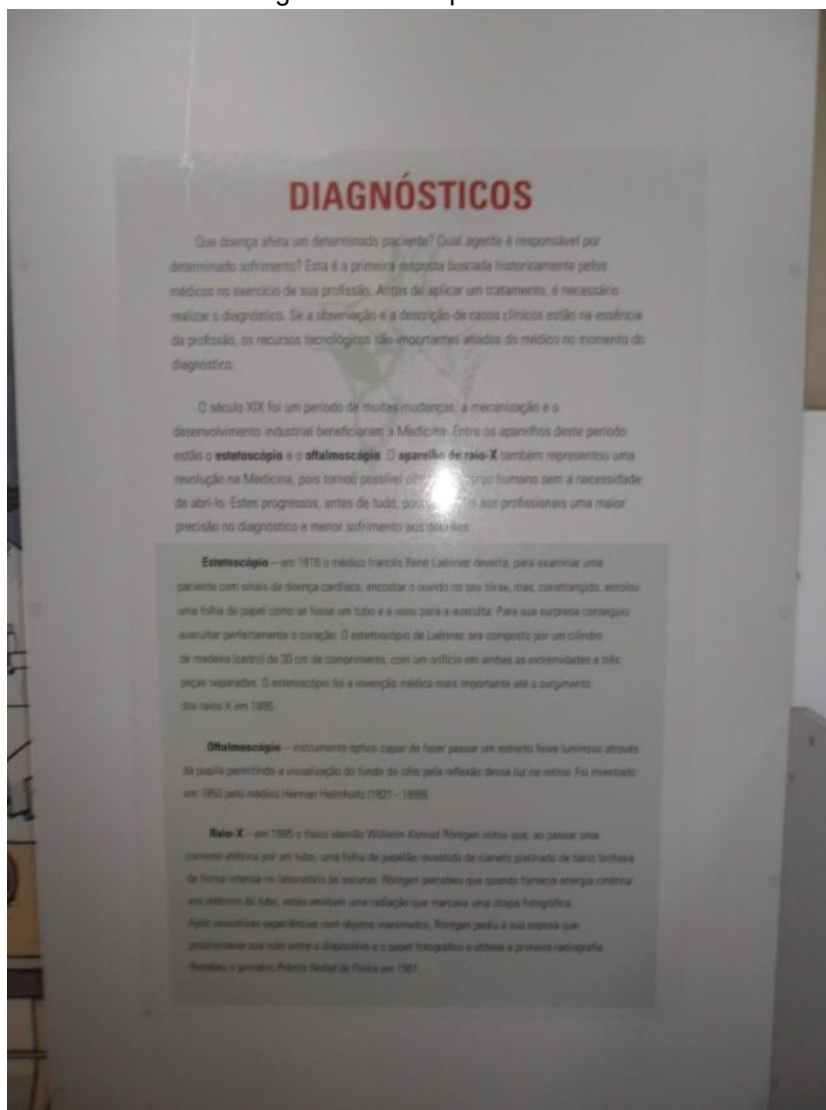
De qualquer forma, a composição desta narrativa não se faz possível apenas com a exibição de objetos, afinal, são utensílios da categoria médica,

alguns de conhecimento mais comuns, ou não. A utilização de elementos textuais se faz essencial para a interação e comunicação de informação. Inclusive, a maioria dos textos possui legendas para algumas palavras, pois são terminologias mais familiares aos profissionais da saúde ou fatos históricos que nem sempre são de conhecimento comum, então se percebe o cuidado da equipe curatorial para com o público não especializado. A escolha das palavras que compõe as legendas foi destacada pelo Entrevistado 2, que nos diz “A seleção levou em conta termos médicos, independente de serem ou não “conhecidos”.” (Entrevistado 2, 2016, inf. verb.).

Mesmo que a forma de escrita seja impessoal, ainda encontramos trechos com questionamentos em alguns textos, que, segundo Blanco (1999) e Magalhães e Ramos (2008) instigam o visitante a conhecer mais a fundo a narrativa abordada na exposição. Encontramos tal característica no segundo texto do núcleo “Costumes”, no texto em “Diagnósticos” e no texto principal do eixo de “Causas das Doenças”

Percebe-se que a instituição procura seguir um padrão estético de textos e legendas de forma hierarquizada. Onde o título do núcleo é destacado por uma fonte maior, escrito com letras maiúsculas e em cor vermelho, também é uma forma de orientar o visitante sobre o respectivo eixo. O corpo do texto é composto por letras maiúsculas para a primeira letra da frase e nomes próprios e o restante por letras minúsculas, na cor preta e espaçamento maior entre os parágrafos. As palavras especificadas da área de saúde e médica são destacadas em negrito e possuem legenda para cada uma delas ao final do texto. É relevante notar que as normas aderidas pelo Museu aconselham fontes simples e sem *serifa*, enquanto os autores utilizados no capítulo “O papel dos textos expositivos nas exposições”, fazem com que seja essencial a preferência por letras com *serifa*. Segue o exemplo abaixo:

Figura 24: Exemplo de Texto



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

A padronização inclui a escolha das cores que compõe a exposição, apesar da maioria dos autores indicarem o uso de preto sob o branco, nesta exposição o plano de fundo é cinza claro, o que é uma das cores aceitas pela ABNT NBR 9050 (2004). Notamos a presença do logotipo ao fundo, o que não é aconselhado por Cohen, Duarte e Brasileiro (2012), porém, a equipe curatorial teve cuidado para a imagem não interferir na leitura. Contudo esta exposição é datada de 2008, então, iremos nos ater a aproximar a técnica expográfica que a instituição utiliza para textos, apenas pela ABNT NBR 9050 do ano de 2004.

As legendas para objetos e imagens, possuem um formato mais sucinto de identificação. Visualizando na imagem abaixo, à direita, nem sempre uma

legenda é direcionada para apenas um objeto. Encontramos uma numeração na etiqueta e no expositor há um número próximo ao artefato correspondente, além de constar abaixo sua função, o que Fernández e Fernández (2010) chamam de *legenda agrupada*. Ao final, temos alguns dados referentes à organização documental da instituição sobre o objeto e o doador. A cor de fundo nas legendas é diferenciada dos textos e não possuem imagem alguma em seu fundo, apenas são pretos sob um fundo azul claro. Esta cor para fundo não é indicada pela ABNT NBR 9050, mas não prejudica a leitura. Da mesma forma que, apesar de existirem legendas compostas, a equipe curatorial teve um cuidado para que isto não causasse dúvidas no visitante, deixando um largo espaço entre os objetos e posicionando a numeração próxima ao objeto correspondente. Exemplo abaixo:

Figura 25: Exemplo de Legendas



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Há impessoalidade na escrita das legendas, o que nos remete ao discurso de “vocação didática”, trazido por Chelini e Lopes (2010), não havendo a marcação de presenç a de sujeito algum. Como esta   uma etiqueta produzida para trazer dados objetivos sobre os objetos com a intenção de facilitar o relacionamento do artefato com a narrativa expográfica, pode-se afirmar que ela está cumprindo seu papel no que diz respeito a facilitar a compreensão do visitante.

De forma breve e resumida, a nível conceitual e comunicacional, os recursos textuais individuais deste ambiente são caracterizados por vocação didática, mas no conjunto, a narrativa expográfica aproxima-se de um discurso científico primário.

Baseando na tabela “Configuração de Textualidade em Exposições”, uma parcela dos textos é classificada como extenso, comprometendo a disponibilidade dos visitantes para leitura. O que é corroborado pelo Entrevistado 1 “[...] a “Desafios” tem mais textos. Já percebemos, ao longo do nosso período no Museu, essa quantidade de textos nem sempre auxilia na visitação, nem todas as pessoas tem essa disponibilidade toda de leitura” (Entrevistado 1, 2015, inf. verb.).

Devemos levar em considera o que esta exposi o foi elaborada em 2009 e se torna notável as diferentes configura es em rela o a uma exposi o inaugurada em 2015. O que   o caso do próximo subcapítulo, onde será descrita esta exposi o mais recente.

3.2. Descri o da exposi o “Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento sobre a Base da Vida Humana”

Esta exposi o tem como foco a temática de anatomia e foi marcada pela presença de corpos humanos reais como acervo, portanto não havia permissão para se fazer um registro fotográfico o que nos levou a utilizar reprodu es em 3D pelo programa *SketchUp* como principal e único método de contextualiza o do local. Assim, foi necessário sinalizar os elementos textuais (foco do estudo desta pesquisa) para realizar a análise.

A exposi o com tal tipologia de artefatos se fez possível devido a uma parceria entre SIMERS, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) e o MUHM, onde a universidade forneceu um empréstimo de peças anat micas reais, e o sindicato estabeleceu uma comunica o entre a universidade e o museu, além de ser responsável pelo transporte das peças.

Após a entrada no saguão principal, a exposição se encontra na sala à direita do visitante, na Sala Rita Lobato.

Inicialmente apresentamos a vista panorâmica da sala de exposição para que seja possível melhor contextualização para o leitor. Neste cenário não dividimos a exposição por regiões e cores como na anterior, pois esta sala não possui mobiliário em seu centro ou outros elementos. Serão apresentados os trechos da exposição ampliados. Sob a perspectiva do leitor, à direita na imagem abaixo, se encontra a entrada para a sala Rita Lobato, pela qual se tem acesso à esquerda do saguão.

Figura 26: Vista Panorâmica



Fonte: ACOSTA, D. R. (2016)

Focando-se nos textos expositivos, elaboramos uma tabela de cores para identificação dos textos e legendas, também das vitrines, pois nelas contém os objetos em exposição e que são

identificados por legendas e compõem a narrativa expográfica. Segue a legenda de cores, abaixo:

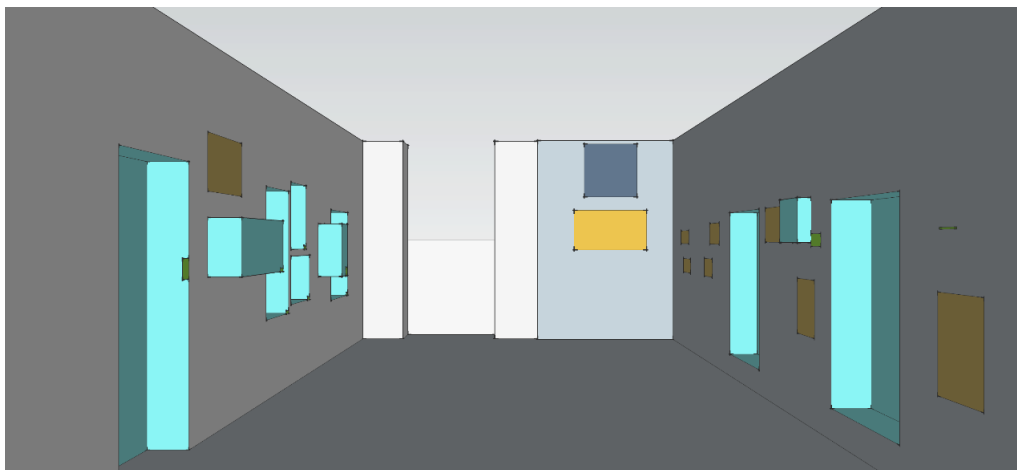
Quadro 5: Legenda de Cores II

Legenda de Cores	
	Textos
	Legendas
	Vitrines
	Título da Exposição

Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Nesta posição é possível visualizar a localização do logotipo da exposição há 1,35m de distância do solo, junto de seu título que contém 5 palavras; subtítulo com 9 palavras; e, por fim, o texto de abertura que contém 82 palavras, contabilizando de 1 a 10 palavras por linha. Este elemento textual é a introdução para a narrativa da exposição ao provocar questões acerca da temática, instigando o visitante a continuar sua visitação.

Figura 27: Perspectiva: texto de abertura

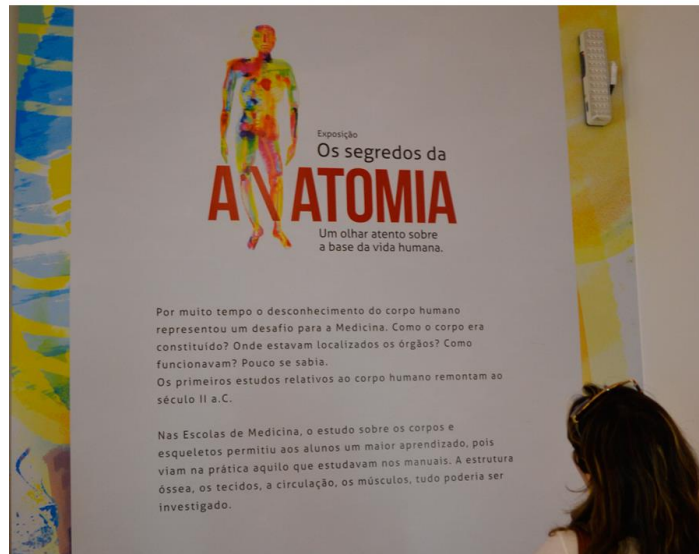


Fonte: ACOSTA, D. R. (2016)

Para mostrar o texto introdutório e o título com o logotipo, retiramos uma fotografia da página do *facebook* do Museu, esta será a única foto da exposição. Por este registro, também poderá se ter noções a respeito das cores e design que permeiam o espaço.

Figura 28: Texto Introdutório

MUHM inaugura exposição sobre anatomia humana

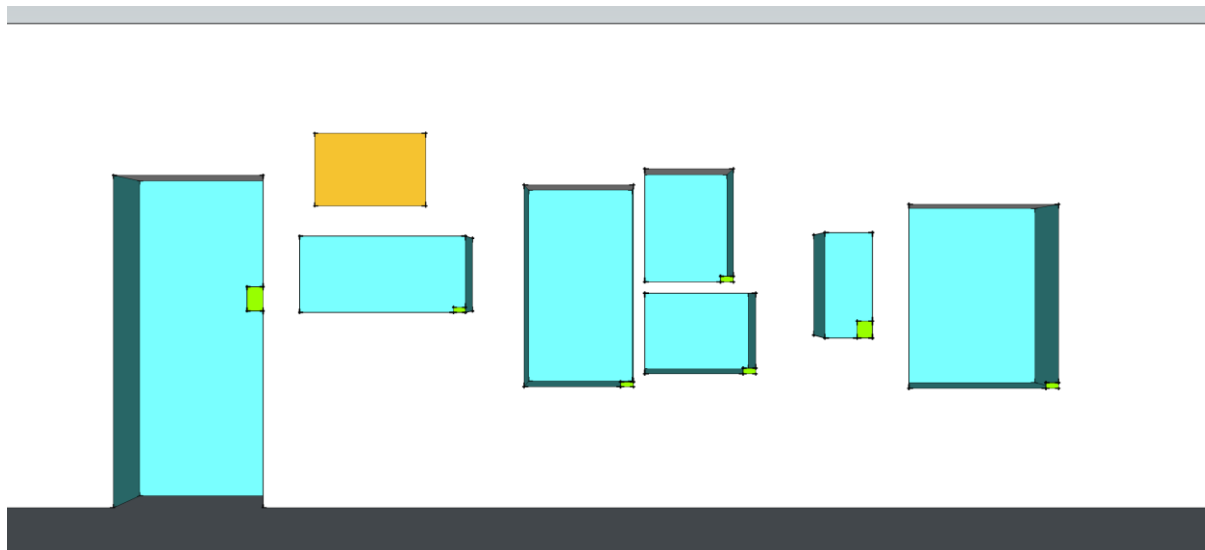


Fonte: Facebook MUHM, 2015

A introdução é algo que sugere uma linearidade neste ambiente, que podemos atribuir ao discurso científico primário em relação ao cenário expográfico, e em uma composição de vocação didática, onde o redator não dialoga diretamente com o leitor. Contudo, o texto é iniciado com questionamentos sobre a temática, convidando para que o leitor se sinta participante-pesquisador desta narrativa e buscar uma resposta na exposição. O que Blanco (1999) e Magalhães e Ramos (2008) defendem que devem ser utilizados para instigar o leitor.

Trazemos ampliado o lado direito da exposição, num total de 7 vitrines com 7 legendas e 1 texto expositivo em relevo. Nas legendas foram contabilizadas de 8 a 29 palavras, contendo, em média, de 1 a 6 palavras por linha; o texto expositivo deste lado possui 39 palavras, com uma média de 4 a 7 palavras por linha.

Figura 29: Perspectiva: Lado Direito



Fonte: ACOSTA, D. R. (2016)

Notamos que as legendas nas vitrines estão posicionadas entre 75 cm e 1,50m de altura do chão, estando na metragem proposta por Locker (2011) onde interpretamos que textos e legendas devem ser localizados na média de 90cm de distância do chão, por fornecer uma posição confortável promovendo acessibilidade para adultos, crianças e cadeirantes tenham acesso à informação ali presente.

Esta parte da exposição é preenchida por tons de cores amarelo e alaranjado, ao fundo das vitrines contém espelhos para que se consiga observar o outro lado das peças anatômicas. Estas tonalidades são indicadas pela ABNT NBR 9050 (2004) por médio e alto índice de visibilidade. As legendas e o texto são escritos em cor preta sob um fundo amarelo, este contraste de cores não interfere na leitura e compreensão da textualidade. O que poderia comprometer no entendimento do visitante, são legendas com palavras pouco utilizadas no cotidiano, por exemplo, a palavra “RETROPERITÔNIO⁸”. Em primeira vista, não é um termo conhecido popularmente, mas como a legenda está próxima à peça anatômica, o visitante pode fazer uma assimilação rápida sobre o que é o

8 Espaço anatômico localizado atrás da cavidade abdominal. (Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=retroperit%C3%B4nio>> Acesso em: 05 de Jul. de 2016)

retroperitônio. Neste sentido, a exposição contribuiu na ampliação do conhecimento de seu público.

O texto desta parede, como já foi mencionado, está em relevo e tende a facilitar a leitura por ser destacado. Contudo, se encontra a 1,87m de distância do chão que, segundo Locker (2011), possui uma altura acessível no campo de visão de um adulto, mas dificulta a leitura de crianças, cadeirantes e/ou pessoas com baixa estatura. Segue abaixo sua transcrição, mantendo a diagramação do mesmo:

Quadro 6: Texto em Revelo

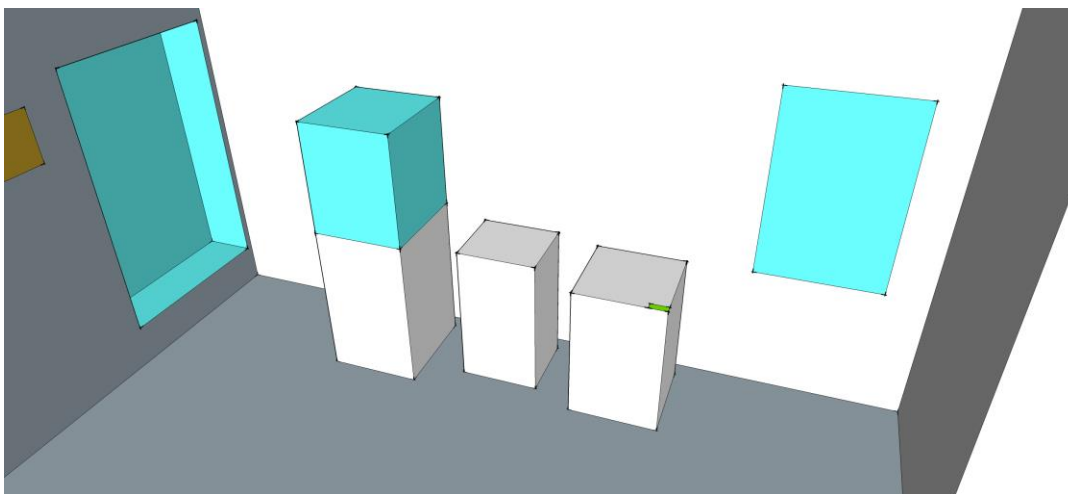
Atualmente, a disciplina de Anatomia Humana é de caráter obrigatório para todos os cursos da área da saúde, visto que seu entendimento se faz fundamental para a compreensão da fisiologia e dos processos patológicos que acometem o ser humano.

Fonte: MUHM (2015)

O texto apresenta um discurso onde o sujeito está oculto, mas, ao mesmo tempo, possui um viés informativo histórico, ressaltando a relevância do estudo da Anatomia para a área de saúde e ciências. Quando perguntamos, em entrevista, sobre o motivo deste elemento estar em relevo, o Entrevistado 1 nos informou que ele possui uma função estética, além de “[...] a ideia daquela frase (naquela parede só tem os corpos e a frase) remete a importância daqueles estudos, dessa técnica, de como a Anatomia transformou a medicina e a saúde de um modo geral” (Entrevistado 1, 2015, inf. verb.). Em nossa percepção, o relevo do texto e o conteúdo dele podem causar um impacto maior em esclarecer ao visitante o cerne da exposição.

Ao fundo da exposição, encontramos 3 expositores que possuem apenas 2 legendas, mas não foi possível fazer a metragem de uma delas, pois se encontrava dentro da vitrine e era de característica composta, contendo 24 palavras com linhas compostas de 4 a 7 palavras.

Figura 30: Perspectiva: ao fundo

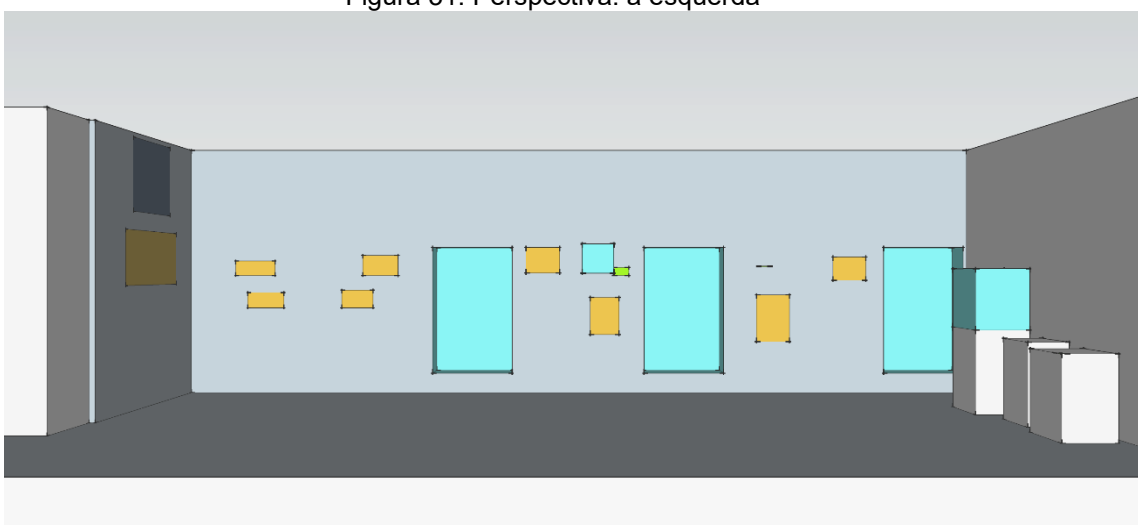


Fonte: ACOSTA, R. D. (2016)

Os expositores estão em cor cinza e suas legendas com a fonte de cor preta e fundo branco, entrando em consonância com as sugestões da ABNT NBR 9050 (2004), Cohen, Duarte e Brasileiro (2012) e entre os autores abordados anteriormente, Barbosa (1993), Blanco (1999), Locker (2011) e Fernández e Fernández (2007).

A próxima imagem representa o lado esquerdo da exposição, e pode-se perceber os expositores que se encontram ao fundo do espaço expositivo no canto direito e o texto introdutório à esquerda na imagem abaixo:

Figura 31: Perspectiva: à esquerda



Fonte: ACOSTA, D. R. (2016)

Nesta parede encontramos 8 textos expositivos, sem títulos, os quais possuem entre 23 e 79 palavras e suas linhas são compostas em uma média de 1 a 7 palavras; estão localizados entre 63cm e 1,46m de distância do chão. Encontramos 13 legendas para objetos e imagens, sendo que a menor legenda possui 3 palavras e a maior possui 81, com uma média de 1 a 14 palavras por linha. As legendas, em sua maioria, se encontram na parte interna das vitrines são divididas em 3 prateleiras internamente, além de serem legendas agrupadas. Da mesma forma que nos expositores comentados acima, não foi possível fazer a metragem das legendas, pois se encontravam dentro das vitrines e, conseqüente, não foi possível sinaliza-las nestas reproduções.

Como já foi mencionado, Fernández e Fernández (2010) enfatizam que deve se ter cuidado quando a instituição opta por utilizar legenda agrupada. Como são vitrines acopladas na parede e possuem vários objetos expostos, ter uma legenda próxima de cada objeto poderia não ficar tão claro para o público, pois é diferente de um expositor, que permite o visitante circular ao seu entorno, buscando um ângulo que facilite a sua visão. Nesta situação, as legendas agrupadas se fazem necessárias, pois é possível posicioná-las de forma que facilite a leitura do público.

Esta parte da exposição, nas paredes, onde se encontram os textos expositivos, são preenchidas por um fundo branco, enquanto os elementos textuais são de fonte em preto. As vitrines são de cor amarela ao fundo, mas as legendas são de fundo branco e a fonte em cor preta.

Em uma percepção geral, os textos com menor quantidade de palavras são de 23 e os maiores contabilizam 82, com uma média entre 1 a 10 palavras por linha. Tendo em vista a tabela constituída no capítulo “O papel dos textos expositivos nas exposições”, a partir de Barbosa (1993), Blanco (1999), Fernández e Fernández (2007) e Locker (2011), os textos desta exposição estão mais próximos das indicações por estes autores. Mesmo os que estão abaixo 30 e acima 75 palavras, acabam não extrapolando as orientações dos autores. Enquanto as palavras por linha não ultrapassaram da numeração 10. Os únicos elementos que se utilizam uma numeração, de palavras, maior do que o indicado

pelos autores, apesar disto, também não ultrapassam da margem 15 palavras por linhas, o que tendo a facilitar a leitura do visitante.

Por fim, a forma comunicacional dos recursos textuais, pode ser compreendida como um dos principais elementos para que o visitante se relacione com o cenário expográfico. Será tomado como base o estudo de Chelini e Lopes (2010) a forma em que estes textos comunicam na exposição. Para isto, utilizaremos a primeira sequência cronológica de textos (manteremos a diagramação dos mesmos na exposição), localizados, logo após, à esquerda do texto de abertura:

Quadro 7: Texto 1

Os primeiros registros de estudo e de ensino da anatomia remontam à Escola de Alexandria, segundo os apontamentos de Galeno (Sec. II a.C).

Quadro 8: Texto 2

Leonardo da Vinci (1454-1519) fascinado com o tema, dedicou-se a descrever corpos a partir de dissecações que ele mesmo realizou, com base no estudo das obras de Galeno.

Fonte: MUHM, 2015.

Nota-se o início de uma narrativa, aquela que foi proposta no texto de abertura que introduzia a temática da exposição, então aqui temos o desenvolvimento lógico de uma história mundial. Mas aonde se pretende chegar? Os dois últimos textos nos mostram:

Quadro 9: Texto 3

No Rio Grande do Sul a anatomia ganhou espaço a partir da fundação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1898, hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A criação do Instituto Anatômico ocorreu em 1909, em terreno doado pela Santa Casa de Misericórdia. Em 1935, passou a denominar-se Instituto Sarmiento Leite (1868-1935) em homenagem ao seu ex-diretor. Além deste, destacaram-se outros profissionais como Tauphick Saadi (1907-1976) e José Carlos Fonseca Milano (1933 – 1995).

Quadro 10: Texto 4

No ano de 1953 é criada a Faculdade Católica de Medicina, hoje, Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Os médicos Alaor Teixeira, Isaias Naiditch, Renato M. Leite, Pedro Gus e Luiz José Alimena podem ser citados como grandes nomes da área.

Fonte: MUHM, 2015

Há uma delimitação da região geográfica, focando-se na contribuição do Rio Grande do Sul nas pesquisas desta temática. Desta forma, percebemos que a narrativa expográfica se configura como um discurso científico primário, pois ele se dirige a uma conclusão do assunto, mas, novamente, percebe-se a impessoalidade nos textos. Percebemos que existe uma hibridização de discursos permeando a narrativa expográfica como um todo e nos textos, sobretudo, num contexto individual os textos possuem um caráter de vocação didática.

. Novamente, ao total no cenário expográfico, as fontes são simples e sem *serifa*, como indicado pela ABNT NBR 9050 (2004) e por Cohen, Duarte e Brasileiro (2012). As cores que compõe as exposições também estão dentro das sugestões pela literatura que a própria instituição se apropria e com os autores no segundo capítulo.

As técnicas sugeridas por autores na composição comunicacional e educacional de exposições são essenciais, facilitando o entendimento de seus visitantes. Apesar de já terem sido realizados vários estudos sobre a configuração comunicacional de exposições, não existe uma fórmula única. Cada ambiente deve produzir seus métodos avaliativos de sua própria produção, tanto em autorreflexão como buscar informações sobre como o próximo percebe este produto. No próximo capítulo, será feito uma reflexão sobre como o público percebe os textos expositivos dos cenários já descritos neste capítulo, a partir de um estudo de público de caráter quantitativo.

4 Análise de Perspectivas

A pesquisa no Museu a respeito dos textos expositivos se deu pela coleta de dados em três modalidades: questionário destinado ao público, entrevista com funcionários do Museu e observação. Desta forma, foi possível desenvolver diálogos entre as perspectivas.

Em uma das entrevistas percebemos uma aproximação com os conceitos de Soares (2012), onde o Entrevistado 1 relata

Aquele público que é o médico, que precisa se reconhecer dentro do museu. Como é que ele vai se ver no museu? A partir de seus pares, desses que, por algum motivo, ganharam mais notoriedade. Podemos até discutir que é uma trajetória idealizada, podemos. Mas daí vamos encontrar que nós mesmos criamos as realidades das nossas profissões. (Entrevistado 1, 2015, inf, verb.)

Há uma semelhança no que Soares (2012) defende, onde uma instituição museológica possui a função de representação de uma realidade: “não apenas a verdade, mas aquilo que as pessoas pensam da verdade. Ao apresentar a cultura através do drama à sociedade, os museus interpretam o próprio drama do ‘museu’, seu sentido, sua autoridade, seu poder [...]” (SOARES, 2012, p. 194). O que percebemos pela entrevista, é que o MUHM absorve esta ideia em prol do público especializado que possui, mas também nos relataram na entrevista que procuram ter o cuidado em tornar acessíveis os textos para o público não especializado. Principalmente para o público escolar, por ser o maior contingente que procura o Museu.

A partir disto, na busca de contemplar todos os públicos, notamos na fala do Entrevistado 1, o conceito de Expologia que é abordado por Cury (2005a). Na fala, torna-se evidente o processo de elaboração do conteúdo a serem contemplados nas exposições, a partir de pesquisas,

[...] fazemos pesquisas a partir do nosso acervo mesmo, porque temos um material bem legal sobre História da Medicina, de modo geral. Temos uma biblioteca só de pesquisa que quem trabalha nessa área conhece. Por exemplo: lançaram um livro sobre obstetrícia, adquirimos

esse livro, pois sabemos que na hora que montarmos uma exposição, esse material vai servir como fonte para produção destes textos. Trabalhamos em cima do nosso acervo e buscamos informação na biblioteca da faculdade de medicina. Basicamente, eles são construídos a partir de pesquisa e como é uma coisa bem técnica, precisamos de pesquisa bibliográfica. E depois vamos pesquisando nosso acervo interno, como é que vai “casar” essas informações todas com o acervo que temos. (Entrevistados 1, 2015, inf. verb.)

Esta é uma forma de percebermos como o conceito de Expologia entra em prática nesta instituição museológica, ficando claro que a pesquisa conceitual, realizada pela equipe curatorial, é refletida na forma em que a exposição é confeccionada, pela Expografia. Ressaltamos, ainda, que o texto expositivo reflete, diretamente, na relação expográfica ao fazer emergir o conteúdo planejado pelo processo expológico.

Para a coleta de dados para realização do estudo de público, inicialmente foram disponibilizados na instituição 20 unidades de um Questionário (vide Apêndice A e B) com perguntas direcionadas aos textos expositivos para realizar uma pesquisa de público. O questionário foi disponibilizado a partir de 19 de agosto até 16 de setembro de 2015, totalizando vinte e nove dias, sendo que a observação foi realizada apenas a partir de 19 até 31 de agosto de 2015.

O período de observação foi necessário para se conhecer e interagir com o público que frequenta a instituição. O que foi de extrema importância, pois percebemos que o maior índice de retorno dos questionários aconteceu no mês de agosto de 2015, totalizando em: 77% preenchidos em agosto e 23% preenchidos em setembro. Dado este resultado, supomos que a participação da pesquisadora no ambiente e entrando em contato com público é um estímulo para que estes sujeitos se sintam motivados e/ou confortáveis para contribuir com a pesquisa.

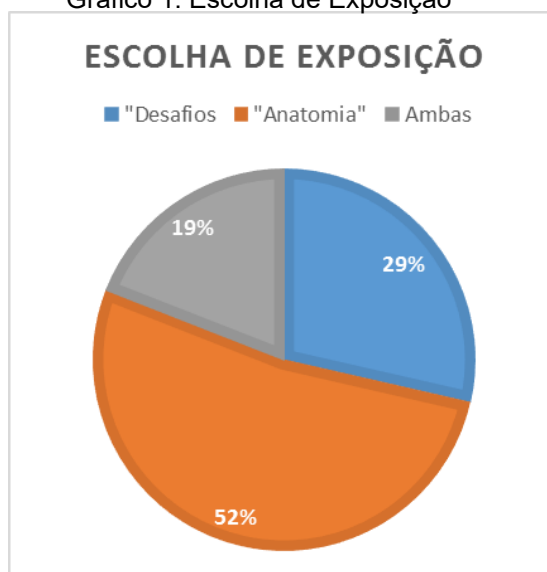
Foram disponibilizados um total de 62 questionários e tivemos um retorno de 39 preenchimentos, o que nos traz um índice de 63% de retorno. Apesar desta quantidade de respostas, serão utilizados para a análise na pesquisa apenas 21 destes, correspondendo a 34%, pois 29% - 18 questionários - foram preenchidos de forma incompleta e prejudicariam a interpretação para realizar a análise.

O questionário possui um campo para que se possa escolher a exposição que deseja avaliar, tendo como opções as exposições: “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida” e “Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento sobre a Base da Vida Humana”, contudo, devido as frequentes dúvidas dos visitantes e a não marcação deste campo, foi percebido que este primeiro *design*, em formato de tabela (Apêndice A), dificultava o entendimento de que se deveria escolher uma exposição para avaliar. Então, no dia seguinte o *design* sofreu uma pequena alteração no item que corresponde a escolha da exposição a ser avaliada, resultando no modelo que se encontra no Apêndice B.

Os motivos de desconsideração de uma parcela dos questionários correspondem ao não preenchimento, preenchimento parcial, ou com preenchimentos errôneos dos participantes. Isto indica que o formato desta ferramenta não tenha sido claro para todos.

Percebemos no gráfico abaixo uma preferência do público em responder as questões referentes à exposição “Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento sobre a Base da Vida Humana”, a qual iremos chama-la de “Anatomia” ao longo do trabalho; em segundo plano a opção “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida”, a qual chamaremos de “Desafios”; e em terceiro foram marcados para avaliar ambas as exposições.

Gráfico 1: Escolha de Exposição



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Os visitantes foram categorizados em escolaridade, não sendo considerado se o participante está cursando ou se já concluiu, consideramos a informação que o próprio sujeito nos informou. As divisões dentro desta categoria surgiram de acordo com que foi encontrado nas respostas do questionários: Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior e Pós-Graduação. Utilizaremos estas categorias para perceber as avaliações dos participantes em relação ao seu grau de instrução para cada escolha de exposição.

É importante conhecer quem é o nosso público participante e ressaltamos que, apesar de obtermos variedade em termos de idade, o maior contingente foi da Faixa Etária de 11 à 15 anos, correspondendo a uma grande parcela dos estudantes. Fica visível nos próximos gráficos, baseados pelos questionários, que o público escolar foi o maior contingente colaborador para esta pesquisa, pois durante o período da observação participante foi percebido que a maioria das pessoas que respondiam o questionário eram os estudantes das escolas que haviam agendado visita no museu e seus responsáveis docentes.

Gráfico 2: Escolaridade

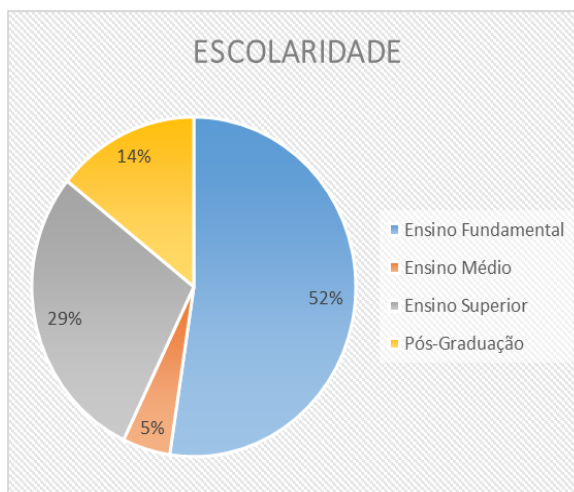
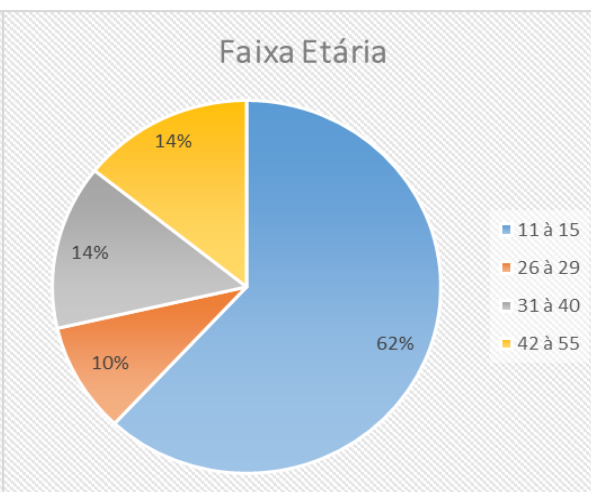
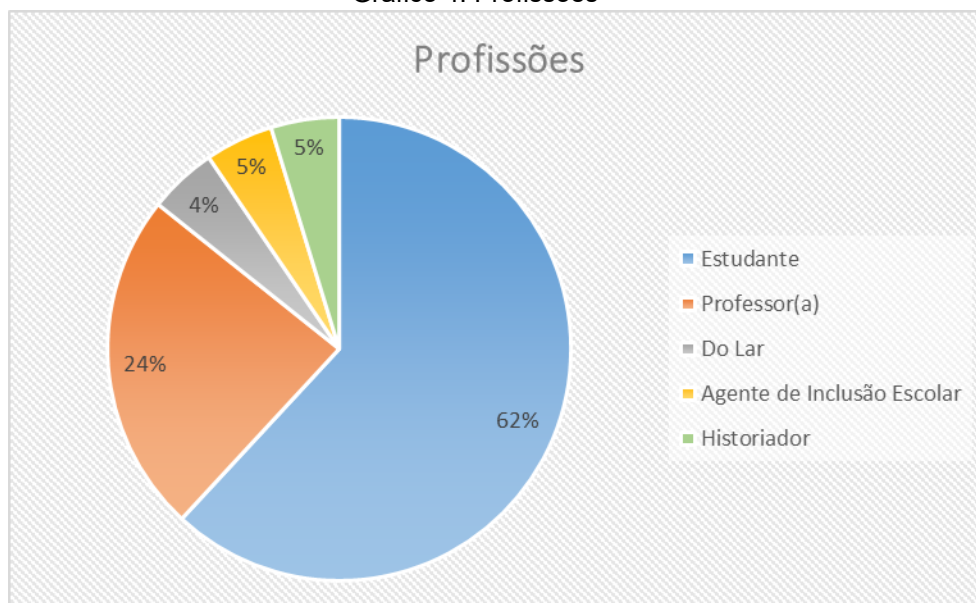


Gráfico 3: Faixa Etária



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

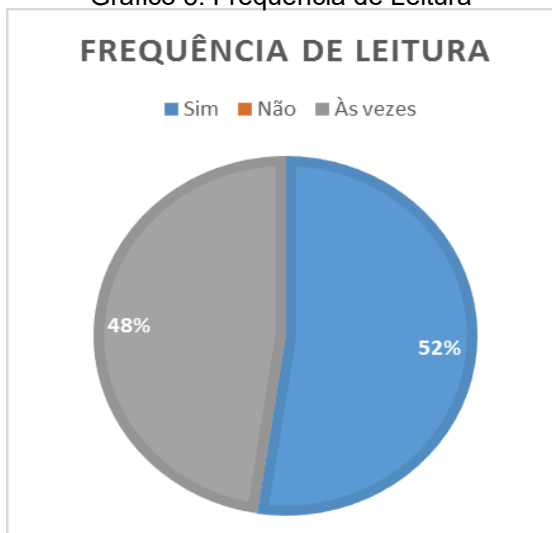
Gráfico 4: Profissões



Fonte: REFOSCO, M.C. (2015)

Independente da escolha de avaliação da exposição, faixa etária e escolaridade, questionamos sobre a frequência em que costumam ler os textos expositivos, fornecemos as opções de “Sim”, “Não” e “Às vezes”. Obtemos o seguinte resultado:

Gráfico 5: Frequência de Leitura



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Não foram contabilizadas pessoas que alegam não ler textos em exposições, mas divide-se quase ao equivalente entre participantes que costumam ler textos expositivos e os que dizem ler “Às vezes”. Mesmo assim,

os participantes que afirmam sempre ler os textos expositivos são maioria por pouca diferença.

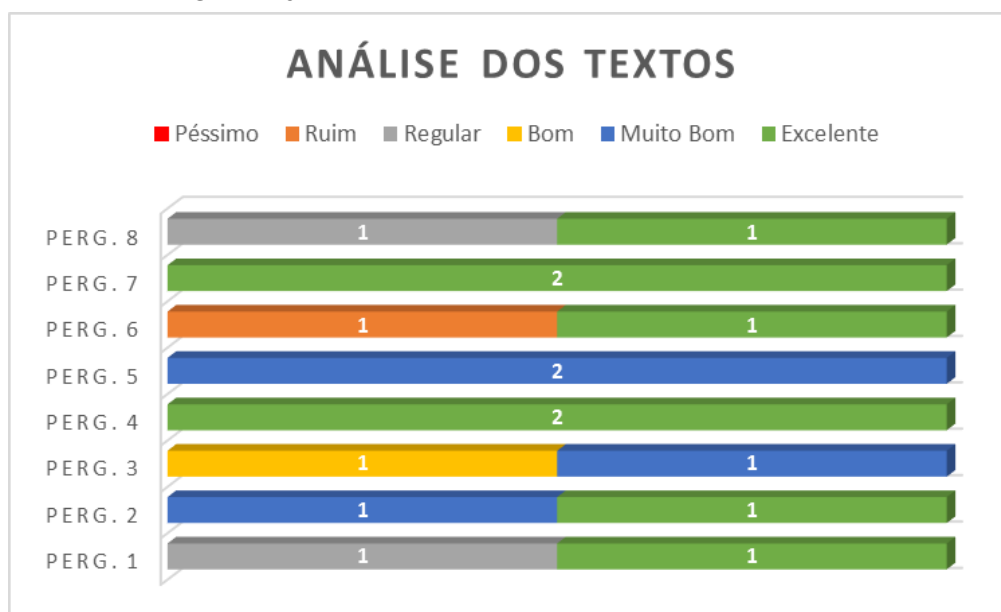
A seguir, apresentaremos os resultados obtidos nos questionários de acordo com escolha de exposição para avaliação e a escolaridade.

1) Exposição “DESAFIOS: a Medicina e a Luta pela Vida”:

Dentre as escolaridades daqueles que responderam o questionário direcionado a esta exposição temos que: 33% dos visitantes são do Ensino Fundamental, 50% são do Ensino Superior, e 17% são da Pós-Graduação. Não encontramos avaliação pelo Ensino Médio.

a) Ensino Fundamental: apenas 2 pessoas escolheram avaliar os textos expositivos desta exposição, resultando no seguinte gráfico:

Gráfico 6: Análise dos Textos – Ensino Fundamental



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Na primeira pergunta, “Os textos estão em uma boa altura?”: as avaliações estão divididas entre “Regular” e “Excelente”, o que significa que um dos participantes pode ter encontrado dificuldade em sua leitura. Por se tratar do Ensino Fundamental, supomos que se trata de uma criança com baixa estatura e por alguns textos desta exposição estarem um pouco acima da altura média indicada para esta estatura, justificaria a dificuldade deste participante para

avaliar como “Regular”. Afinal a exposição possui textos com 1,40m de distância do solo, o que pode não ser adequado para o campo de visão de uma criança. Contudo, o outro participante aparenta não ter dificuldades quanto o posicionamento para ter acesso aos textos.

A seguinte pergunta retrata sobre uma das características de legibilidade, “O tamanho da letra do texto facilita a leitura?”: avaliadas em “Muito Bom” e “Excelente”, nesse caso, percebe-se que os textos possuem um tamanho de fonte de forma que não prejudicasse estes visitantes. Podendo indicar, também, que apesar da dificuldade de leitura em relação ao posicionamento do recurso textual, o tamanho da fonte facilitou o acesso ao conteúdo, tendo em vista que de “Regular” passou para “Muito Bom”, o que são 2 avaliações a mais.

Entretanto, a terceira questão recebe uma nota abaixo, “Os textos são entendidos facilmente?”: as avaliações são “Muito Bom” e “Bom”, mesmo não sendo uma avaliação “Regular, Ruim ou Péssima”, fica a questão de por que não receberam a avaliação “Excelente”, é provável que algo, em pequena escala, não tenha ficado claro para os estudantes.

Tanto nas questões “As legendas das vitrines e objetos estão em uma boa altura?” e “O tamanho da letra das legendas facilita a leitura?” são avaliadas em concordância de 100%, porém em avaliações diferentes. A primeira recebe a nota “Excelente” e a segunda de “Muito Bom”. A avaliação para a segunda pergunta, referente a legibilidade, recebeu uma nota abaixo da primeira, o que demonstra uma breve dificuldade de acesso, mas, provavelmente, o tamanho da mesma auxilia em sua leitura.

A sexta pergunta remete a compreensão das legendas destinadas as palavras nos textos, “As legendas nos textos são entendidas facilmente?”: recebemos duas respostas dicotômicas, onde uma pessoa avaliou como “Ruim” e outra como “Excelente”. Enquanto para um estudante é de fácil compreensão, o outro demonstra uma dificuldade que repercutiu em uma resposta oposta. Isto remete ao estudo de público apresentado pelos autores Poli e Houbart (2007), onde falam sobre o eruditismo que costuma estar presente em textos

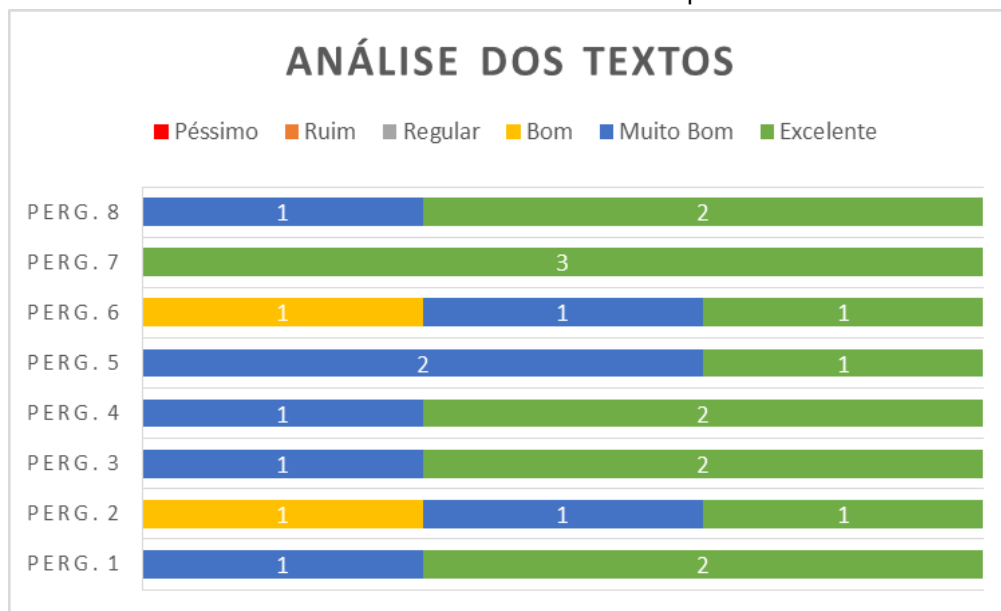
expositivos, é provável que isto tenha relação com a forma de escrita destas legendas e por isto recebeu uma avaliação negativa.

Na seguinte pergunta, questionamos se o participante considera que a presença de textos é importante em ambientes expográfico. Ambos avaliaram como “Excelente”, o que nos faz entender que consideram de extrema importância a presença deste recurso para compor o cenário expositivo.

Por último perguntamos “Como você avalia a relação dos textos com os objetos na exposição?": enquanto um deles avaliou como “Excelente”, outro avaliou como “Regular”. Quando Blanco (1999) defende que é necessário estar esclarecido, por elementos textuais, a relação entre o objeto e o contexto, neste caso, podemos interpretar que o participante sentiu falta de subsídios para relacionar e isto intensificou, talvez, por não possuir conhecimento algum prévio. Mas podemos fazer uma relação direta com as avaliações anteriores, onde tivemos algumas respostas que já demonstravam uma dificuldade.

b) No Ensino Superior obtivemos 3 avaliações que resultaram no seguinte gráfico:

Gráfico 7: Análise dos Textos – Ensino Superior

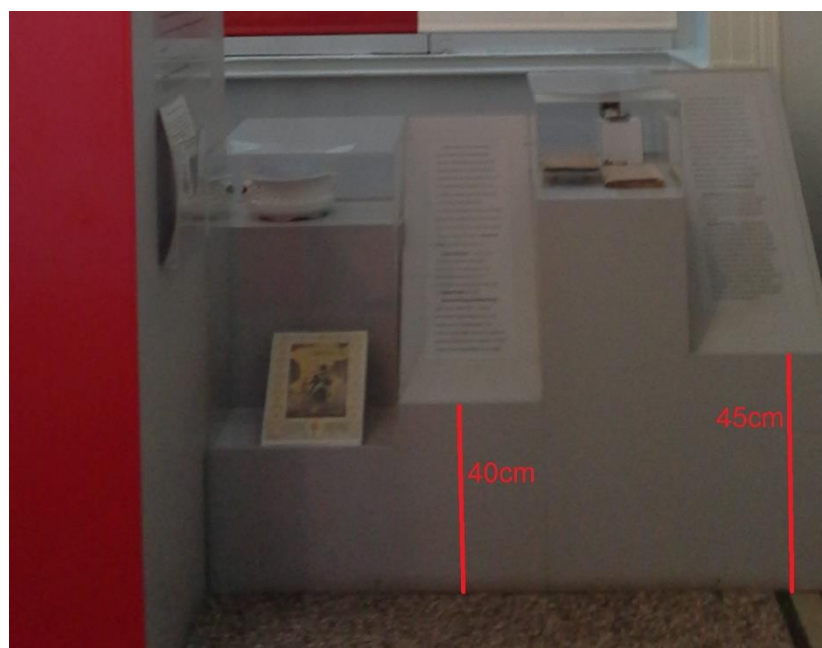


Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

A primeira pergunta refere-se ao posicionamento dos elementos textuais, tendo em vista que esta exposição possui textos que estão localizados

entre 40cm e 1,40cm. Para um adulto os textos abaixo de 90cm podem ser prejudiciais para seu campo de leitura, como apontado por Locker (2011) e Cohen, Duarte e Brasileiro (2012), porém, recebemos como resposta, as avaliações “Excelente” e “Muito Bom”, não indicando dificuldades. A partir disto, poderíamos entender que não houve problemas em relação ao tamanho da fonte e, aparentemente, isto é confirmado pelas avaliações “Bom”, “Muito Bom” e “Excelente”. O que, também, parece ter influenciado na resposta na terceira pergunta, referente ao entendimento do leitor, ou seja, devido aos textos se encontram em boa condição de legibilidade, as respostas indicam que o fácil acesso ao seu conteúdo interfere em sua compreensão. Neste caso, obtivemos as respostas “Excelente”, como maioria, e uma resposta avaliando como “Muito Bom”. Segue uma imagem como exemplo, demonstrando textos em posicionamentos não favoráveis para o alcance de um adulto.

Figura 32: Exemplo I de Posicionamento



Fonte: REFOSCO, M. C. (2016)

Na quarta e quinta pergunta, destinadas ao posicionamento das legendas para objetos e o tamanho de sua fonte, obtivemos apenas avaliações de “Muito Bom” e “Excelente”. O que indica um acesso satisfatório a este material. E nas respostas seguintes, sobre a sexta pergunta, onde se refere ao entendimento das legendas destinadas a palavras em destaque no texto, também recebemos as avaliações “Bom”, “Muito Bom” e “Excelente”. Devemos

levar em conta que esta tipologia de público possui uma prática de leitura mais desenvolvido do que alunos do Ensino Fundamental, então, para eles, não se encontra tantas barreiras na compreensão de textos, mesmo que estejam em uma linguagem culta. O que influencia diretamente a última pergunta, onde perguntamos se os participantes consideravam que a relação entre os textos com o cenário expositivo era percebida. Obtivemos duas respostas como “Excelente” e uma como “Muito Bom”.

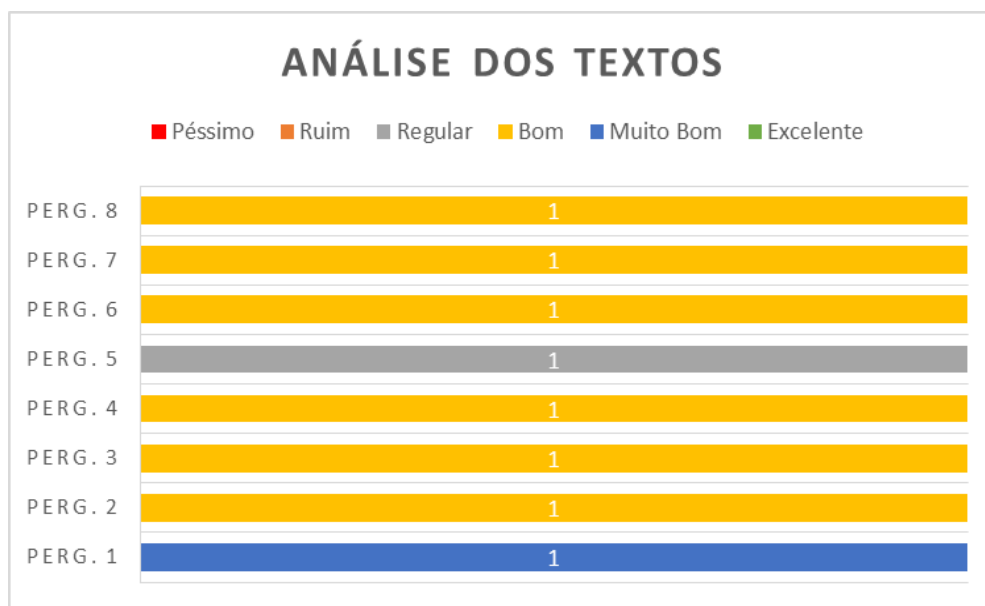
A sétima pergunta se refere a importância que o participante considera a participação de textos em exposições. Temos uma concordância total entre os três participantes que avaliaram como “Excelente”.

A tendência é que o público que já possui um grau de instrução mais avançado, não tenha complicações para compreender os textos expositivos, mesmo que estejam em uma linguagem erudita. O que é corroborado pelo Entrevistado 1:

[...] ainda acho que a “Desafios” tem bastante texto. Mas para o nosso público, museologia, história, não é tanta coisa, estamos acostumados a ler e pesquisar, mas para um público geral, ainda acho que é bastante texto. Mas, mais uma vez, eu friso: nós temos que formar leitores, as pessoas precisam ler. (Entrevistado 1, 2015, inf. verb.)

c) Pós-Graduação: apenas 1 participante desta categoria optou por avaliar a exposição, resultando em:

Gráfico 8: Análise dos Textos – Pós-Graduação



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Neste gráfico, encontramos as avaliações de “Regular” à “Muito Bom”, diferente dos outros, não há marcada a opção “Excelente”. É interessante que apenas a primeira pergunta dedicada ao posicionamento dos textos expositivos possui a avaliação mais alta por “Muito Bom”.

A segunda e quarta pergunta se referem a questões de legibilidade e estão classificadas como “Bom”, e como existe a opção de avaliar como “Excelente”, o participante poderia ter tido alguma dificuldade mínima para visualizar o material. O que parece ter influenciado na compreensão destes elementos, pois a terceira e sexta pergunta é dedicada a compreensão dos textos e legendas das palavras em destaque nos textos, onde o participante também considera como “Bom”.

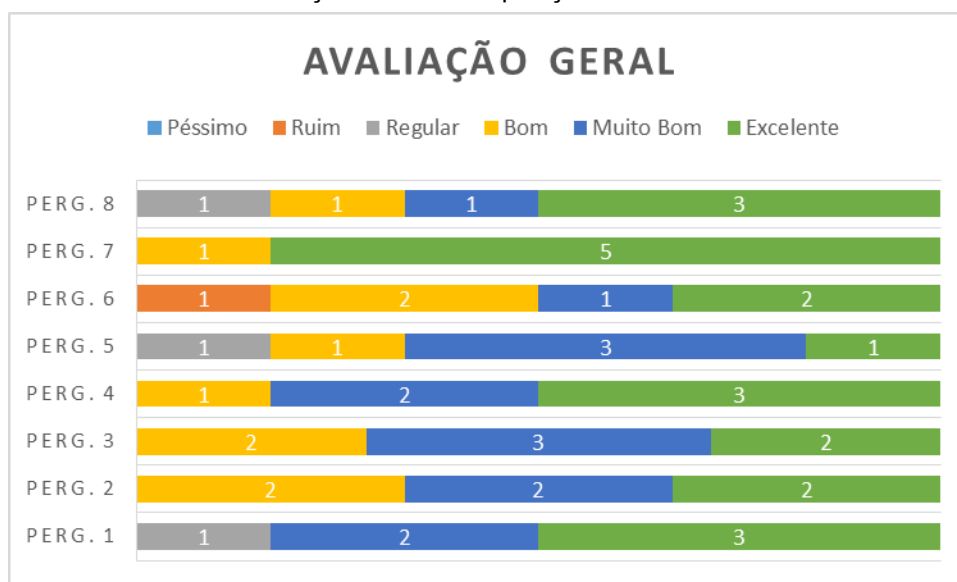
É possível sugerir que há certa dificuldade de legibilidade questão “O tamanho da letra das legendas facilita a leitura?”, destacamos esta pergunta, pois é a única marcada por uma avaliação abaixo e diferente da maioria das perguntas, recebendo a avaliação “Regular”.

Na sétima pergunta, “Considera os textos expositivos importantes em uma exposição?”, foi avaliação com “Bom”, isto indicar que o participante possa ter encontrado alguma dificuldade, e que ele tenha avaliado pensando nos textos

desta exposição em relação ao cenário expositivo. O intuito real da questão era sobre textos em exposição de forma geral, não contemplando exposições em geral, e nos leva a pensar que esta pergunta no questionário possa ter causado dúvidas nos participantes ao respondê-la. Ou até que ela esteja mal posicionada, poderia ter sido colocada invertida com a última pergunta. Provalmente, a mesma justificativa se deve para a oitava questão, onde foi marcado a avaliação “Bom”.

Apresentamos um panorama geral da avaliação desta exposição:

Gráfico 9: Avaliação Geral da Exposição “Desafios”



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Se fossemos fazer uma contagem generalizada, sem considerar os pontos abordados pelas perguntas, a avaliação “Excelente” constaria 43% de um gráfico; “Muito Bom” teria 29%; “Bom” teria 20%; “Regular” estaria com 6%; e “Ruim” apenas com 2% das avaliações. Em uma contabilização desta forma, mostramos que a exposição possui a maior porcentagem avaliada como “Excelente”, o que nos faz remeter a fala do Entrevistado 1, que nos relata

[...] a “Desafios” tem mais textos. Já percebemos, ao longo do nosso período no Museu, essa quantidade de textos nem sempre auxilia na visitação, nem todas as pessoas tem essa disponibilidade toda de leitura, mas isso não quer dizer que não vamos nos preocupar com a qualidade do que vai estar ali. (Entrevistado 1, 2015, inf. verb.)

No período de observação e produção do diário de campo, tivemos a impressão de que os visitantes não tem o costume de ler os textos e apesar disto ser corroborado na fala do Entrevistado 1, os textos nesta exposição estão em maior quantidade e por serem longos, a contabilização generalizada que elaboramos, mostra outra perspectiva. Mesmo que, nos capítulos referentes a descrição da exposição, tenhamos percebido que a quantidade de palavras nos elementos textuais vá além do indicado pelos autores, os visitantes parecem ter uma boa compreensão dos textos e facilidade de acesso físico, com algumas exceções.

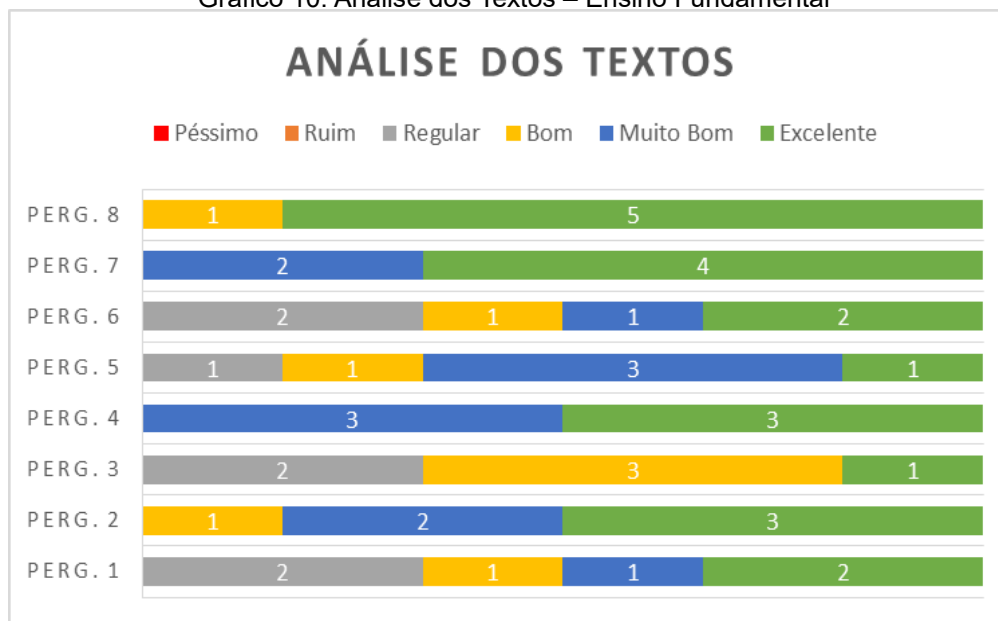
Consideramos avaliações “Regular”, “Ruim” e “Péssimo” com um grau de preocupação maior e estas foram as menos escolhidas pelos participantes. No caso da quinta pergunta, questionando sobre se o tamanho da fonte auxilia o acesso ao conteúdo, recebeu uma avaliação como “Regular”. Ao compararmos os referenciais teóricos do MUHM e os dos outros autores apresentados anteriormente, a indicação de tamanho de fonte para legendas são próximas, o que nos faz pensar que, é provável que as sugestões dos próprios teóricos possam não ser as mais adequadas. É de se pensar em elaborar legendas com fontes maiores, já que o próprio público se manifesta como insatisfeito perante o tamanho indicado pelos referenciais.

2) Exposição “Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento Sobre a Base da Vida Humana”:

Nesta exposição, obtivemos retorno de 60% do Ensino Fundamental, 30% do Ensino Superior, e 10% de participantes com Pós-Graduação.

a) Ensino Fundamental: foram contabilizados 6 participantes que avaliaram este espaço, resultando no seguinte gráfico:

Gráfico 10: Análise dos Textos – Ensino Fundamental



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

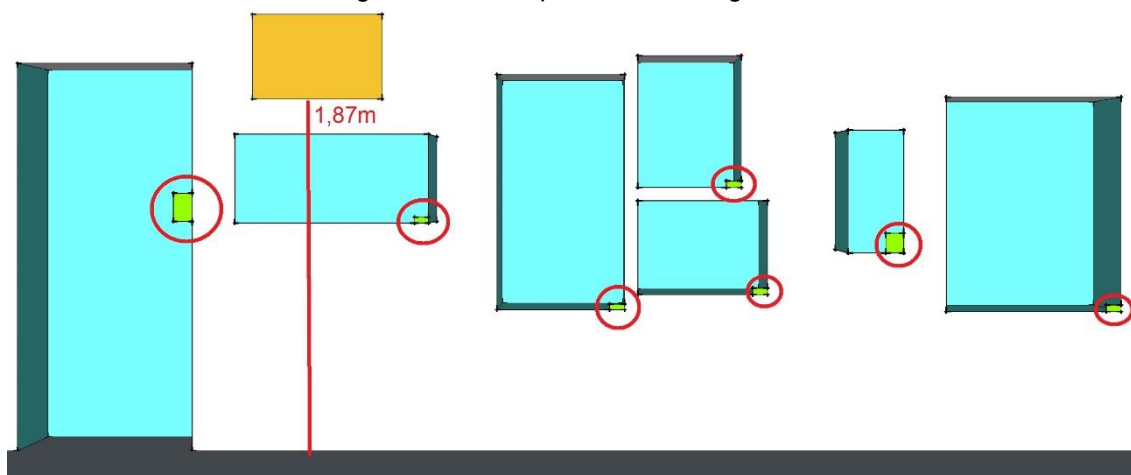
Na primeira questão, “Os textos estão em uma boa altura?”: encontramos uma situação onde 2/4 dos participantes avaliam como “Excelente”, o que supõe que não houve dificuldade na leitura dos textos; duas avaliações apontam como “Regular”, neste caso os sujeitos podem ter sofrido uma parcela significativa de dificuldade para leitura em função do posicionamento do texto; uma avaliação como “Muito Bom” e outra como “Bom”, podemos interpretar que a altura não está completamente adequada para estes participantes, mas não em escala tão significativa. Levando em conta de que, estamos analisando uma avaliação de um público do Ensino Médio, a avaliação “Regular” nos mostra que o posicionamento dos textos pode ser problemático para este público, pois há elementos textuais que estão localizados há 1,87m do chão.

Em seguida, temos uma pergunta referente à legibilidade dos textos expositivos baseando-se no tamanho da fonte, a qual recebeu o número maior de avaliações por “Excelente”, indicando que não houve qualquer dificuldade, enquanto dois participantes avaliaram como “Muito Bom” e um deles como “Bom”, nos indicando algum tipo de dificuldade de leitura. Enquanto na terceira pergunta que é designada a compreensão dos textos. Apenas um participante indicou não ter tido problemas na compreensão ao avaliar como “Excelente”; três deles indicaram como “Bom”; e um como “Regular”, este último indicando um

grau mais acentuado de dificuldade. Ou seja, apesar dos participantes não demonstrarem dificuldades na leitura destes elementos, alguns tiveram sua compreensão afetada.

A quarta questão é referente sobre se o posicionamento das legendas auxilia em sua leitura, onde metade dos questionários está avaliado por “Excelente” e a outra metade por “Muito Bom”, não havendo uma muita diferença de opiniões, podemos interpretar que se houve dificuldade no acesso das legendas, não foram algo marcante. Contudo, na seguinte pergunta, questionamos sobre se o tamanho da fonte das legendas facilita sua leitura. Apenas um participante a avaliou como “Excelente”, três como “Muito Bom”, o que não demonstram apresentar dificuldades. Uma avaliação para “Bom” e outra para “Regular”, indicando que apesar de estarem um posicionamento adequado, o tamanho da fonte traz dificuldades em sua leitura. Nos fazendo retomar a tabela apresentada no segundo capítulo, onde são indicados tamanhos de fonte para legenda, as referências utilizadas pelo MUHM indicam numerações próximas, colocando em questão sobre se as indicações feitas pelos autores são, realmente, ideais para as legendas. Segue abaixo a marcação do posicionamento do texto comentado anteriormente e o destaque das legendas.

Figura 33: Destaque do texto e legendas



Fonte: RODRIGUES, D. A. (2016)

A sexta pergunta, “As legendas nos textos são entendidas facilmente?”, foi elaborada pensando na exposição “Desafios”, onde os textos expositivos possuem termos da área de saúde destacados e acompanhados por legendas

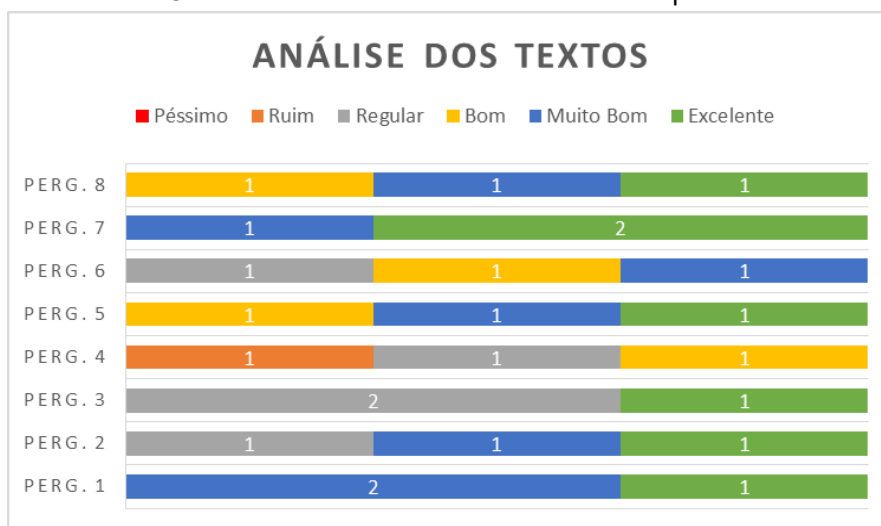
ao final do texto para explicar cada um destes termos. Enquanto a exposição “Anatomia” não possui textos com palavras destacadas e legendas, isto pode ter causado dúvidas para as pessoas que avaliaram apenas este espaço e, conseqüente, gerou um déficit em nossa análise. Portanto, não iremos adaptar seus resultados para não trazer informações errôneas.

A sétima pergunta possui o intuito de saber se o participante considerava textos importantes em espaços expositivos. As avaliações para “Excelente” foram maioria, apenas duas avaliações para “Muito Bom”. Basicamente, todos os visitantes concordam que a presença deste elemento se faz essencial.

Por último a questão: “Como você avalia a relação dos textos com os objetos na exposição?”. Novamente, obtivemos maioria na avaliação “Excelente” e apenas uma avaliação como “Bom”. Podendo representar que este último teve alguma dificuldade de relacionar os objetos com a narrativa contada pelos textos.

b) Ensino Superior: obtivemos o retorno de 3 participantes desta categoria para este espaço expositivo, formando o seguinte gráfico:

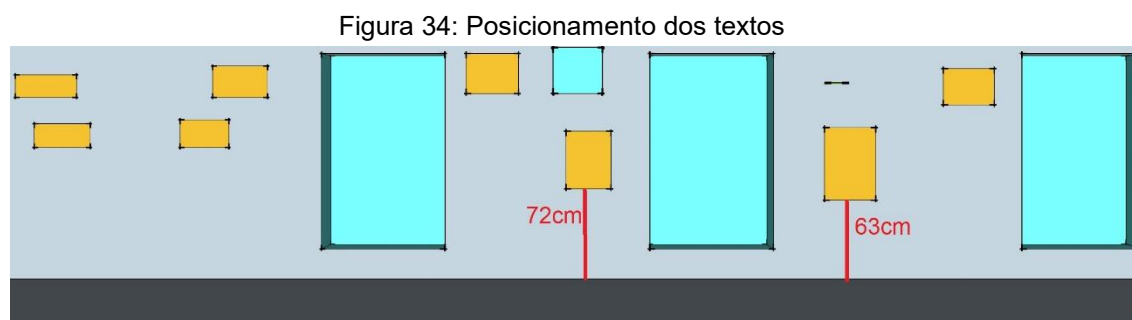
Gráfico 11: Análise dos Textos – Ensino Superior



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Na primeira questão, onde perguntamos se os textos expositivos estavam em uma altura confortável para o campo de visão do visitante, obtivemos uma avaliação como “Excelente” e duas como “Muito Bom”. Enquanto interpretamos que uma avaliação “Excelente” significa uma satisfação plena, entendemos que

as avaliações como “Muito Bom” pode indicar que, apesar de ser um resultado positivo, talvez seja necessário uma pequena mudança. Tendo em vista que nesta exposição há um texto posicionado há 1,87m, o que, aparentemente, não traz dificuldades para um adulto, o restante se encontra na média de 60cm a 1,45m. Locker (2011) e Cohen e Duarte (2012) nos demonstram que, a partir de 90cm a leitura para um adulto de torna menos acessível, mas neste caso, não demonstram apresentar dificuldades. O que pode se relacionar com a questão seguinte sobre o tamanho da fonte interferindo na legibilidade do elemento. Na qual recebemos a maioria das avaliações como “Excelente” e “Muito Bom”, demonstrando que não houve dificuldade para com o tamanho da letra ou se teve, foi mínima. Enquanto um terceiro participante avaliou como “Regular”, indicando uma dificuldade pouco mais acentuada e isto pode ser em função dos textos que estão abaixo da localização indicada, como na imagem abaixo:



Fonte: RODRIGUES, D. A. (2016)

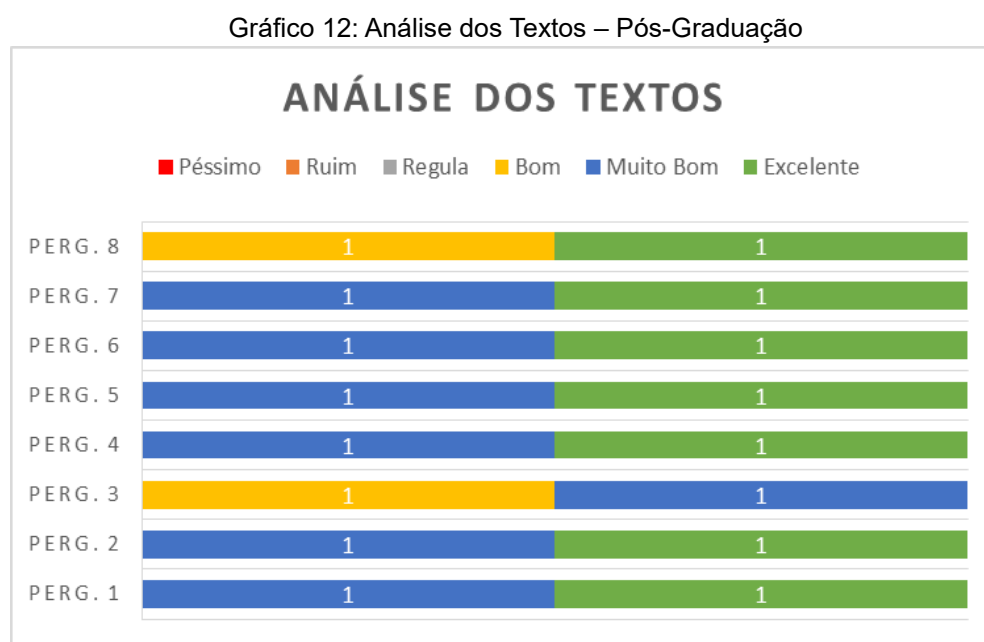
A terceira pergunta visava verificar se os textos expositivos eram de fácil entendimento para o visitante. Recebemos apenas uma resposta como “Excelente” e os restante como “Regular”. Apesar dos textos serem avaliados como boa legibilidade, aqui encontramos respostas distintas.

A seguinte pergunta corresponde sobre se a localização das legendas de objetos proporcionam uma leitura sem dificuldade, na qual, recebemos respostas de “Ruim”, “Regular” e “Bom”. O que podemos relacionar com a próxima pergunta: “O tamanho da letra das legendas facilita a leitura?”, que obtivemos as respostas “Bom”, “Muito Bom” e “Excelente”, demonstrando que as avaliações para esta questão estão um ponto acima da avaliação anterior. Ou seja, apesar do posicionamento das legendas não serem propício para leitura, o tamanho da fonte foi um facilitador no acesso das mesmas.

Na sétima questão, nosso intuito foi de perguntar aos visitantes se eles consideram elementos textuais importantes para a criação de uma narrativa naquele espaço. Resultando em uma avaliação como “Muito Bom” e duas como “Excelente”, demonstrando que para estes participantes os textos se fazem necessários.

Por último, perguntamos para os participantes, se consideravam clara uma relação entre os objetos e os textos e, novamente, tivemos uma resposta na escala “Bom”, “Muito Bom” e “Excelente”. Indicando que se tenha ocorrido dificuldades na compreensão e/ou a legibilidade, é provável que os próprios objetos foram de suma importância para que os participantes os relacionem com a narrativa.

c) Pós-Graduação: 2 avaliações a respeito deste espaço, formando o seguinte gráfico:



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

As três primeiras perguntas abordam questões sobre legibilidade e compreensão dos textos expositivos. Na primeira e segunda, questiona sobre a posição do texto na exposição e a influência do tamanho da fonte em sua legibilidade, as quais foram avaliadas como “Muito Bom” e “Excelente”, nos mostrando que os elementos textuais estão acessíveis tanto em posicionamento

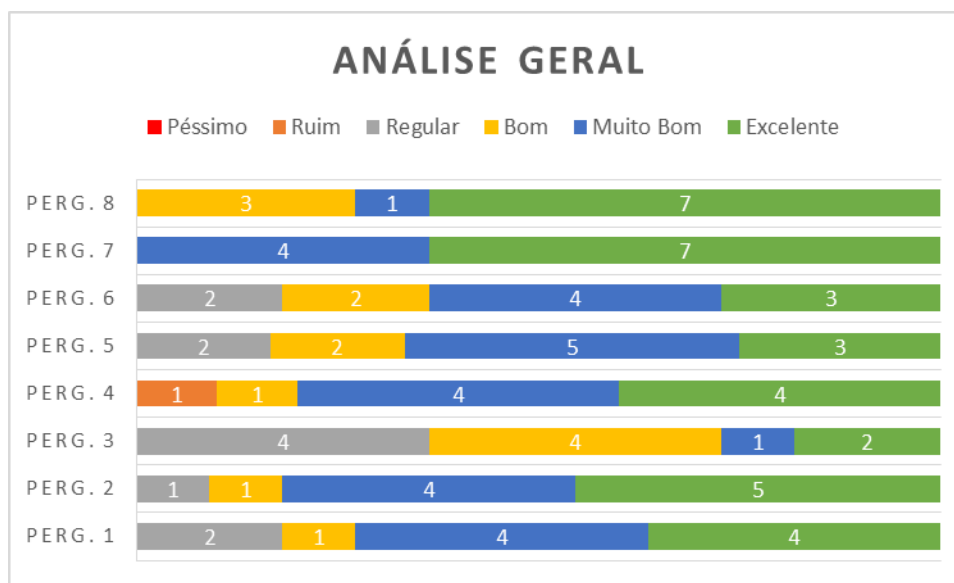
como o tamanho da fonte auxilia. Ressaltamos novamente que, apesar desta exposição ser composta com elementos que se encontram abaixo do campo de visão de um adulto, os mesmo não demonstraram a necessidade de um esforço para sua leitura. Contudo, na terceira questão que se refere ao entendimento dos mesmo, recebemos uma avaliação como “Bom” e outra como “Muito Bom”, esta pequena diferença de avaliação, pode demonstrar que a forma de comunicação do texto possui alguma complicação.

Nas seguintes questões, a quarta e a quinta, possuem o mesmo viés sobre o acesso na leitura voltado para legendas em objetos e imagens, onde recebemos o mesmo resultado para ambas: “Muito Bom” e “Excelente”. Novamente, a questão da acessibilidade física não apresenta algum impedimento para estes participantes. Porém, na oitava questão, perguntamos sobre como o visitante avalia a relação dos textos com os objetos em exposição que foram avaliados com “Bom” e “Excelente”. É relevante destacar que uma das avaliações diminuiu, sendo que os elementos textuais receberam avaliações positivas nas questões de legibilidade. Como houve um déficit em nosso questionário na sexta pergunta, causa uma lacuna onde podemos pensar em duas possibilidades para essa avaliação ter diminuído, ou as legendas possuem uma linguagem erudita e isto confunde o visitante, ou o participante avaliou que, talvez, a associação com os objetos não esteja em sintonia com a proposta da exposição, causando dificuldade na contextualização museológica. encenação com os objetos tenha algum contratempo.

Na sétima pergunta, ao questionarmos se o visitante considera relevante a presença dos elementos textuais em exposições, retornaram as respostas “Muito Bom” e “Excelente”. O que indica, como nos demais casos, que estes elementos são necessários para compor a narrativa.

O resultado geral da análise nesta exposição resultou no seguinte gráfico:

Gráfico 13: Análise Geral da Exposição “Anatomia”



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

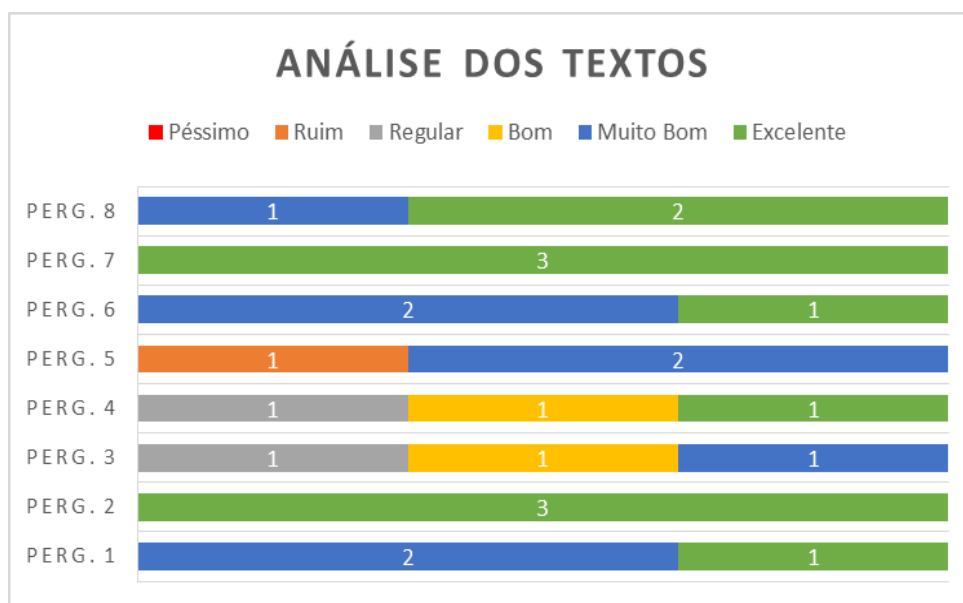
Abordaremos, novamente, em uma perspectiva geral contabilizando as avaliações. Para esta exposição, obtivemos 40% das avaliações como “Excelente”; 31% avaliados como “Muito Bom”; 16% receberam a avaliação “Bom”; 12% avaliados como “Regular”; e 1% como “Ruim”. Basicamente, a porcentagem de respostas positivas que não indicam complicações no acesso e entendimento da narrativa expográfica, representam o maior contingente

3) Ambas as exposições:

Neste item constam as avaliações dos participantes que optaram por avaliar ambas exposições. Entre eles, encontramos apenas questionários respondidos 75% pelo Ensino Fundamental e 25% pelo Ensino Médio.

a) Ensino Fundamental: 3 sujeitos desta categoria avaliaram ambas as exposições, vê-se os resultados no gráfico abaixo:

Gráfico 14: Análise dos Textos – Ensino Fundamental



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Na primeira pergunta, sobre o posicionamento dos textos expositivos, os participante não demonstraram dificuldade em seu acesso, pois obtivemos duas respostas como “Muito Bom” e uma como “Excelente”. Enquanto a segunda questão, sobre o tamanho da fonte facilitar a leitura do visitante, há concordância geral com a avaliação “Excelente”. Contudo, percebe-se que terceira pergunta, referente ao entendimento do conteúdo no texto expositivo, está classificada em uma escala de “Regular”, “Bom” e “Muito Bom”, ou seja, apesar destes elementos estarem em um posicionamento e com uma fonte confortável para a leitura, esta avaliação indica que possa existir alguma complicação na compreensão de seu conteúdo. Um dos participantes demonstrou uma dificuldade mais acentuada do que os outros, pois avaliou como “Regular”.

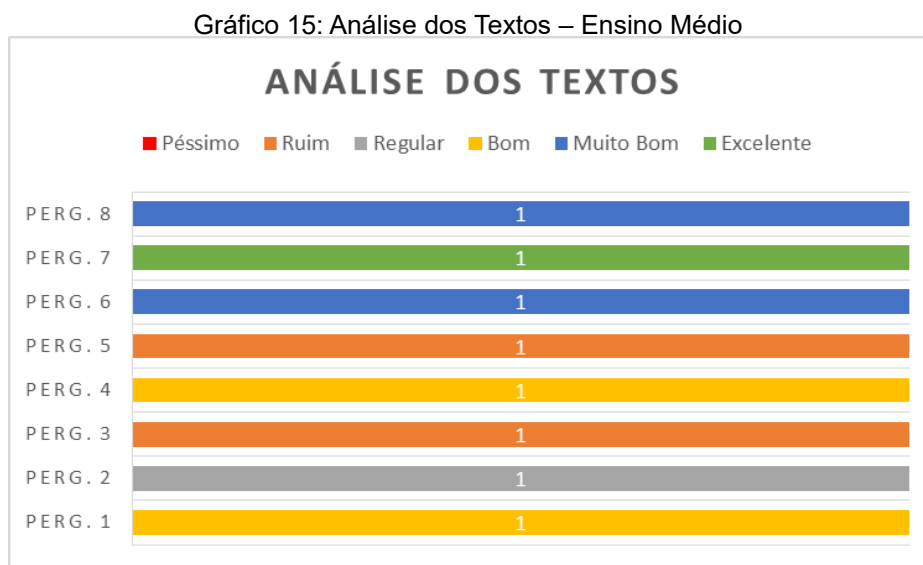
A quarta, quinta e sexta perguntas no questionário são dedicadas às legendas. Na primeira situação, perguntamos se o posicionamento destas auxiliavam na leitura e rebemos as respostas de “Regular”, “Bom” e “Excelente”, desta forma, percebemos que apenas uma parcela esteve com uma dificuldade mais acentuada que outros participantes. Na quinta questão, um dos participantes indicou que o tamanho da letra não proporcionava boa legibilidade para as legendas ao avaliar como “Ruim”, o restante dos participantes avaliou como “Muito Bom”. Levando em conta que esta é a avaliação do Ensino

Fundamental, pressupõe-se que são crianças, algumas legendas estão em uma altura acima de seu campo de visão, que seria o caso das legendas dentro das vitrines. Ou seja, nos deparamos com uma situação em que além do difícil acesso em função de altura, a fonte das legendas acabou não compensando esta falta. O que nos faz retornar para as indicações dos teóricos, questionando se as sugestões fornecidas por eles são o suficiente.

Na sétima questão, todos os participantes concordaram que os textos expositivos são relevantes na constituição de uma exposição ao avaliarem como “Excelente”.

Por último, na oitava pergunta, ao relacionarmos diretamente com as perguntas de 1 a 5, obtivemos duas avaliações como “Excelente” e uma com “Muito Bom”. É significativo perceber que apesar de algumas avaliações que indicam dificuldade no acesso deste material, não seja refletido nesta questão. Podemos supor que a mediação pode ter influenciado diretamente na percepção destes participantes sobre a relação dos objetos com os textos na exposição, ou até mesmo um conhecimento prévio do visitante.

b) Ensino Médio: apenas 1 participante escolheu analisar ambas exposições, refletindo no seguinte gráfico:



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Neste gráfico de respostas, percebemos que das perguntas 1 a 5 receberam as avaliações de “Ruim” a “Bom”, enquanto as de 7 a 8 são avaliadas como “Muito Bom” e “Excelente”. Como apenas uma pessoa desta escolaridade dedicou-se a avaliar ambas as exposições, não temos outras avaliações como parâmetros, o que deixou a análise limitada.

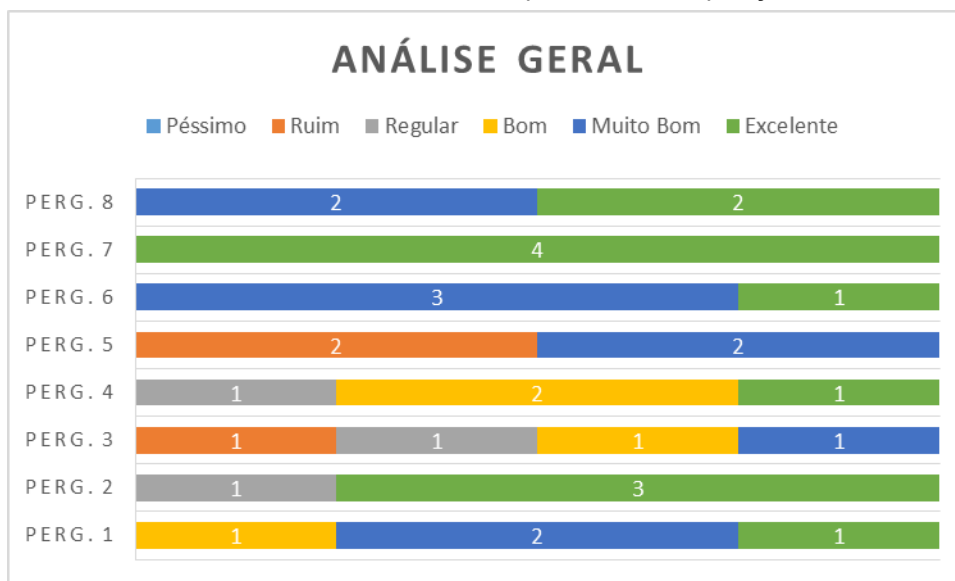
As questões de 1 a 3 referem-se aos textos expositivos. A primeira questão, sobre se o posicionamento do elemento auxilia na leitura, obtivemos a avaliação “Bom”; na seguinte questão, referente à legibilidade do texto baseada no tamanho da fonte, recebemos a avaliação “Regular” e; na terceira, referente ao entendimentos dos textos, “Ruim”. Podemos reparar que na exposição “Desafios” e “Anatomia”, ao nos basearmos em Locker (2011) e Cohen, Duarte e Brasileiro (2012), percebemos que existem textos que estão abaixo do campo de visão para um adulto que, apesar de obterem uma avaliação positiva, possui a avaliação “Regular” sobre o tamanho da fonte, o que indica que o visitante precisou fazer um esforço para ler. Ao avaliar como “Ruim” o entendimento dos textos, podemos nos remeter a fala do Entrevistado 1, dizendo que na exposição “Desafios” há uma maior quantidade de textos e mais longos. Porém, na exposição “Anatomia” não há tantos elementos textuais, o que pode vir a facilitar a leitura destes, além dos mesmos serem escritos em voz ativa e as frases serem curtas. Nossa suposição pode se dar que, devido as frases curtas em voz ativa, o visitante possa ter sentido falta de algumas informações, mas não há como termos certeza. Nesse sentido, a análise quantitativa possui falhas, o ideal seria conversar com este visitante e entender seu ponto de vista.

Nas perguntas 4 e 5, referentes às legendas, o participante avaliou o posicionamento das mesmas como “Bom”, o tamanho da fonte como “Ruim”. Ou seja, entendemos que, para o visitante, a posição dos textos está adequada, mas o tamanho de fonte dificulta a leitura. Contudo, na oitava pergunta, avaliou-a como “Muito Bom”, indicando que percebeu as relação dos elementos textuais e os objetos em exposição, mesmo que tenham existido alguns impedimentos.

Na sétima questão, o participante considera a presença dos textos expositivos como algo importante no cenário expográfico. Marcou “Excelente”.

Por fim, apresentamos o gráfico que demonstra o panorama geral dos visitantes que optaram por avaliar as duas exposições:

Gráfico 16: Análise dos Textos para Ambas Exposições



Fonte: REFOSCO, M. C. (2015)

Ao contabilizarmos as avaliações, temos: 39% avaliadas como “Excelente”; 29% receberam a avaliação “Muito Bom”; 13% avaliadas como “Bom”; 9% como “Regular”; e 10% avaliadas como “Ruim”. Novamente, encontramos um panorama onde as avaliações positivas constituem no maior contingente numérico, indicando que os elementos textuais de ambas as exposições são satisfatórios. Apenas duas perguntas receberam a avaliação como “Ruim”, uma diz respeito ao tamanho de fonte para as legendas, o que nos faz retomar a ideia de que as indicações teóricas não sejam suficientes para o público. Enquanto a outra volta-se para o entendimento dos textos, indicando um grau de dificuldade do público na sua compreensão.

5. Considerações Finais

A motivação da pesquisa se deu para averiguar se os textos expositivos estão sendo acessíveis aos visitantes, pois, como já foi mencionado anteriormente, o museu deve estar a serviço da sociedade. Desta forma, é essencial que as instituições museológicas estejam preparadas para todo e qualquer visitante, fornecendo uma ambientação que favoreça seu acesso e entendimento da narrativa, além de promover avaliações constantes em relação ao público externo e também ao público interno, composto por todos os membros da equipe da instituição.

Ao longo do trabalho, utilizamos como instrumento de pesquisa um questionário quantitativo visando a produção de um estudo de público, mas julgamos que ele seria insuficiente e poderia trazer dados superficiais. Então foram adicionadas como metodologia, as entrevistas com a equipe curatorial e a observação pela pesquisadora, a fim de coletar dados qualitativos e proporcionar uma relação entre os materiais coletados. Tendo uma intenção de complementar a pesquisa quantitativa, além de trazer para o leitor diferentes perspectivas sobre um mesmo ambiente.

Após a análise dos questionários, percebemos que algumas perguntas poderiam ser sido elaboradas de forma que não tão claras para os participantes que colaboraram com a pesquisa. Consideramos como um exemplo de maior significância a sexta pergunta do questionário, destinada apenas às legendas para palavras destacadas nos textos expositivos da exposição “Desafios”, pois a exposição “Anatomia” não possuem legendas para palavras em destaque nos textos expositivos. Como o questionário era padrão e com a opção de escolha de qual exposição o participante gostaria de avaliar, esta pergunta acabou não contemplando a exposição “Anatomia”. Sendo assim, não conseguindo coletar e analisar os dados sobre se a linguagem das legendas na exposição “Anatomia” eram compreendidas com facilidade.

Um dos públicos que a instituição dedica suas exposições, é o público da categoria médica, afinal, o Museu conta a História da Medicina e, por isso, buscam elaborar cenários expositivos em que este público se sinta

representado. A outra tipologia de público mais trabalhada pela Instituição é o público escolar. Em nossos questionários não conseguimos coletar nenhum dado sobre o público da categoria médica, público representado nas exposições, apenas conseguimos dados das escolas e do público espontâneo. Seria relevante que a categoria médica participasse desta pesquisa para termos perspectivas diferenciadas, contudo, durante a aplicação do questionário não obtivemos este *feedback*.

Vale destacar que encontramos proximidades entre os teóricos utilizados para compor o segundo capítulo desta pesquisa e entre a base teórica que o MUHM utiliza para o planejamento e confecção dos textos expositivos. Sendo assim, surgiram inquietações até mesmo em relação aos teóricos utilizados como base no campo da Museologia, mais especificamente referências da Expografia, questionando algumas indicações dos autores como não sendo suficientes para alcançar o leitor, principalmente em relação ao tamanho da fonte. Para se obter uma resposta aprofundada, seria necessário aplicar este estudo por um período maior e em outras instituições para verificar se os resultados são aproximados com os desta pesquisa. Obviamente, seria necessário revisarmos sua forma de aplicação para não correremos o risco de coletarmos informações incompletas, incluindo ferramentas de pesquisas de caráter qualitativo para qualificar a análise que a análise seja complementada.

Esta investigação nos permitiu perceber na prática os conceitos e teorias estudados ao longo destes quatro anos no Curso de Bacharelado em Museologia, observando como estes são aplicados em determinada instituição museológica. O processo de musealização é visível através de todas as atividades que são executadas pela instituição, neste caso, o MUHM, desde a aquisição, pesquisa, documentação museológica, conservação e por fim, comunicação, por meio das exposições e ações educativas-culturais, as quais perpassam todo processo de elaboração conceitual por parte da equipe de profissionais que pensam em cada atividade, até a concretização deste cenário, que pode atingir o público das mais variadas formas.

O Museu busca seguir indicações de teóricos para a produção de seus textos expositivos, o que torna notável sua preocupação para com seus visitantes, tendo em vista que buscam produzir elementos textuais acessíveis para um público não especializado. Além de considerarem o estudo de público importante, pois a partir dele buscam identificar o perfil de seus visitantes. Desta forma, entendemos que a preocupação da instituição em perceber que tipos de visitantes frequentam suas exposições, seria uma forma de compreendê-los, refletindo na elaboração dos textos expositivos. Tendo em vista que o público escolar tem sido o maior contingente que tem procurado pelo MUHM, este cuidado da equipe curatorial se faz essencial.

Uma das dificuldades na análise se deu por não adentrarmos nos conceitos de acessibilidade de linguagem, o que pode ter gerado algumas lacunas referente às perguntas no questionário que se direcionavam para o entendimento do visitante sobre os textos expositivos. Acabamos apenas utilizando conceitos abordados pelos autores que indicavam que os textos precisariam estar em voz ativa e com uma numeração de palavras por linha. Outra possibilidade, para preencher esta lacuna, seria realizar uma entrevista rápida semi-estruturada enquanto os participantes estavam presentes nas exposições.

Estes resultados mostram uma avaliação parcial que foi realizada em um curto período, e, provavelmente, os resultados poderiam ser diferentes se esta pesquisa fosse aplicada ao longo de um ano. Além de conseguirmos coletar maior quantidade de material para análise, teríamos uma margem maior para embasamento. Contudo, devemos lembrar que a partir dos espaços expositivos e por via de seus elementos é possível estabelecer o “fato museal”, a relação do homem com o objeto em um determinado cenário. Por meio de instrumentos visando um estudo de público é possível realizar pesquisas e análises investigando o “fato museal”. Esta modalidade de pesquisa se faz importante para perceber as relações do público para com o cenário expositivo e, assim, a instituição pode fazer uma auto-avaliação para pensar e repensar as formas de comunicação museológica, dando destaque às exposições.

Referências

ALMEIDA, A. M.; LOPES, M. M. Modelos de comunicação aplicados aos estudos de públicos de museus. In: *Revista Ciências Humanas*, Taubaté, v.09, nº02, Jul-Dez/ 2003. P.137-145.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS-ABNT. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro. 2004.

BARBOSA, F. L. *Manual de Montaje de Exposiciones*. 7. ed. Museo Nacional de Colombia - Bogotá: COLCULTURA, 1993.

BLANCO, Ángela García. *La exposición – um médio de comunicación*. Madrid: Akal, 1999. 240p.

CHELINI, Maria Júlia E.; LOPES, Sônia C. B. de C. Textos em Museus de Ciência: Discurso Científico, Didático ou de Divulgação? IN: MAGALHÃES, Aline M.; BEZERRA, Rafael Z.; BENCHETRIT, Sarah F. (Org.) *Museus e Comunicação: Exposições como Objeto de Estudo*. Museu Histórico Nacional - Rio de Janeiro, 2010. p. 369 – 392.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade a Museus. In: *Cadernos Museológicos, volume 2*. Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus - Brasília, 2012.

CORTEZ, A. Três é o Par Perfeito: O texto senta-se entre o visitante e o objecto. *Boletim Informação ICOM Portugal*. Portugal, n. 10, II Serie, 2010, 05 p. Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/info%20II-10_set-nov10.pdf> Acesso em: 15 de out de 2015.

CURY, M. X. Comunicação e Pesquisa de Recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para museus. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12 (suplemento), Rio de Janeiro: 2005b. p. 365-380.

CURY, M. X. *Exposição: Conceção, Montagem e Avaliação*. 1. ed. São Paulo: ANNABLUME EDITORA, 2005a. p. 21-48.

DANTAS, M.; CAVALCANTE, V. *Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Quantitativa*. UFPE: Centro de Arte e Comunicação - Ciência da Informação. Recife, 2006.

DESVALLÉESS, A.; MEIRESSE, F. *Conceitos-chave de Museologia*. SOARES, B. B. (trad); CURY, M. X. (trad). São Paulo, 2013. 101p.

DICIO: Dicionário Online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 11 de jun. de 2016

Entrevistado 1. Entrevista: 07 de out. de 2015. Entrevistador: Maitê Capistrano Refosco, Porto Alegre, 2015.

Entrevistado 2. Entrevista: 04 de mai. de 2016. Entrevistador: Maitê Capistrano Refosco, Porto Alegre, 2016.

Facebook do Museu de História da Medicina. Imagem da Exposição: Os Segredos da Anatomia: Um olhar atento sobre a base da vida humana, 2015. Link: <<https://www.facebook.com/muhmrs/photos/a.360691864069519.1073741827.358504217621617/541690459302991/?type=3&theater>> Acesso em: 20 de mai. de 2016.

FERNÁNDEZ, L. A.; FERNÁNDEZ, I, G. *Diseño de exposiciones*: Concepto, Instalación y Montaje. Alianza Editorial, 2007. 267p.

_____. _____, 2010. 275p.

GUARNIERI, W. R. C. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: BRUNO, Maria Cristina Oiveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol.1, 1.ed., São Paulo, 2010a.

GUARNIERI, W. R. C. Museus nacionais: o Museu da República (1989). In: BRUNO, Maria Cristina Oiveira (org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. Vol.1, 1.ed., São Paulo, 2010b.

LOCKER, P. Humanista Estilo Antigo De Transición Moderno Egipcio De Palo Seco Posmoderno. ÁLAMO, M. R. del (trad.). In: *Diseño de Exposiciones*. Editora Gustavo Gili, 2011. p. 112-133.

MAGALHÃES, A. M.; RAMOS, F. R. L. De objetos a palavras: Reflexões curadoria de exposições em Museu de História. In: *Cadernos de Diretrizes Museológica 2 - Mediação em Museus: Curadorias, Exposições e Ação Educativa*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais - Superintendência de Museus, 2008. p 50 - 71.

Michaelis: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (Online). Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=retroperit%C3%B4nio>> Acesso em: 05 de Jul. de 2016

MINAYO, M. C. de S. Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta, In: MINAYO, M. C. de S. (org.); DESLANCES, S. F. (org.); GOMES, R. (org.). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1993. p. 61-78

MINAYO, M. C. de S; SANCHES, O. Quantativo-Qualitativo: Oposição ou complementaridade?. In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, Jul/Set 1993. P.239-262.

MINISTÉRIO DA CULTURA – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Resolução Normativa Nº 2, de 28 de Agosto de 2014. Disponível em <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=01/09/2014&jornal=1&pagina=14&totalArquivos=120>> Acesso em: 07 de abril de 2016.

POLI, M-S.; HOUBART, D.O Impacto do Discurso Museográfico nos visitantes da exposição L'Art Italien et la Metaphisica. Le Temps de la Mêlancolie 1912-1935, apresentada no Museu de Grenoble de março a junho de 2005. In: EIDELMAN, J.; ROUSTAN, M.; GOLDSTEIN, B. (org.) *O Lugar do Público – Sobre o Uso de Estudos e Pesquisas pelos Museus*. São Paulo: EDITORA ILUMINURAS LTDA, 2014. p. 207-222.

QUEVEDO, É. R.; KÜLZER, G. G. L. de L.; POMATTI, A. B. Educação para o patrimônio a partir da memória da medicina e da saúde pública: ações educativas do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: FRAGA, H. J. de; CARDOSO, C. do S. C.; QUEVEDO, É. R.; BARROSO, V. L. M.; SOUZA, R. C. A. de (org.). *Experimentações em lugares de memória: ações educativas e patrimônios*. Porto Alegre/RS: Selbach & Autores Associados, 2015. p. 160 – 174.

RIBEIRO, P. *Blog: Como escolher uma fonte para um projeto editorial*. 29 de jul. de 2014. Disponível em: <<http://pauloribeiro.net.br/como-escolher-uma-fonte-para-um-projeto-editorial/>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

SERRES, J. C. P. Museus: lugar de educação ou templo sagrado? In: GUILHERMANO, L. G.; SCHWARTSMANN, L. C. B.; SERRES, J. C. P.; LOPES, M. H. I. (Org). *Páginas da História da Medicina*. ediPUCRS: Porto Alegre, 2010. p.65-74

SEVERINO, A. J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Editora Cortez, 2007. 304p.

Site do BENEFICÊNCIA HOSPITAIS: Cultura, 2014. Disponível em: <<http://www.beneficenciars.org.br/cultura>>. Acesso em 12 de ago de 2015.

SOARES, B. B. Entre o Reflexo e a Reflexão: por detrás das Cortinas da Performance Museal. In: *Termos e Conceitos da Museologia: Museu Inclusivo, Interculturalidade e Patrimônio Integral (Términos e Conceitos da Museología: Museo Inclusivo, Interculturalidad y Patrimonio Integral)*. ICOFOMLAM: Dezembro, 2012. p. 192-204.

Apêndice A – Modelo Questionário I

Qual exposição gostaria de avaliar?												
DESAFIOS: a Medicina e a luta pela Vida												
Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento Sobre a Base da Vida Humana												
Idade				Profissão								
Sexo:	Feminino ()		Masculino ()		Escolaridade:							
Questionário							Sim	Não	Às vezes			
Costuma ler os textos das exposições?												
Classifique em (1: Péssimo; 2: Ruim; 3: Regular; 4: Bom; 5: Muito Bom; 6: Excelente):							1	2	3	4	5	6
1. Os textos estão em uma boa altura?												
2. O tamanho da letra do texto facilita a leitura?												
3. Os textos são entendidos facilmente?												
4. As legendas das vitrines e objetos estão em uma boa altura?												
5. O tamanho da letra das legendas facilita a leitura?												
6. As legendas nos textos são entendidas facilmente?												
7. Considera os textos importantes em uma exposição?												
8. Como você avalia a relação dos textos com os objetos na exposição?												
Gostaria de fazer alguma observação? Pode utilizar o verso da folha.												

Apêndice B – Modelo Questionário II

Qual exposição gostaria de Avaliar?												
DESAFIOS: a Medicina e a luta pela Vida								()				
Os Segredos da Anatomia: Um Olhar Atento Sobre a Base da Vida Humana								()				
Idade				Profissão								
Sexo:	Feminino ()		Masculino ()		Escolaridade:							
Questionário							Sim	Não	Às vezes			
Costuma ler os textos das exposições?												
Classifique em (1: Péssimo; 2: Ruim; 3: Regular; 4: Bom; 5: Muito Bom; 6: Excelente):							1	2	3	4	5	6
1. Os textos estão em uma boa altura?												
2. O tamanho da letra do texto facilita a leitura?												
3. Os textos são entendidos facilmente?												
4. As legendas das vitrines e objetos estão em uma boa altura?												
5. O tamanho da letra das legendas facilita a leitura?												
6. As legendas nos textos são entendidas facilmente?												
7. Considera os textos importantes em uma exposição?												
8. Como você avalia a relação dos textos com os objetos na exposição?												
Gostaria de fazer alguma observação? Pode utilizar o verso da folha.												

Apêndice C - Roteiro de Entrevista I

- Quantas pessoas participaram da confecção?

- Quem foi a equipe que a planejou? E como foi o processo de produção da exposição?

- Quem elaborou os textos expositivos? Foi uma equipe específica? Uma pessoa responsável?

- A disposição dos textos ao longo da exposição foi algo planejado? Em que normas foram baseadas?

- Foi pensado na luminosidade se ela poderia interferir na leitura do texto dependendo do material do texto ou do direcionamento da iluminação?

- Qual é a fonte e o tamanho utilizado nas legendas e nos textos expositivos?

- É notável que o museu possui uma preocupação com a acessibilidade intelectual e de entendimento do público, pois nos textos da exposição é possível encontrar palavras técnicas do ramo da medicina e para cada uma delas há uma legenda que explica a significação da palavra. Porém, algumas destas palavras são bastante conhecidas, como, por exemplo, “anestesia”, e, mesmo assim, está é uma palavra que possui uma legenda explicativa.. Como se deu a seleção das palavras que precisariam de legendas ao longo da exposição?

- Esta exposição possui um público-alvo? Qual seria ele?

Apêndice D - Roteiro de Entrevista II

- Quantas pessoas participaram da confecção?

- Quem foi a equipe que a planejou? E como foi o processo de produção da exposição?

- Quem elaborou os textos expositivos? Foi uma equipe específica? Uma pessoa responsável?

- A disposição dos textos ao longo da exposição foi algo planejado? Em que normas foram baseadas?

- Foi pensado na luminosidade se ela poderia interferir na leitura do texto dependendo do material do texto ou do direcionamento da iluminação?

- Qual é a fonte e o tamanho utilizado nas legendas e nos textos expositivos?

- É notável que o museu possui uma preocupação com a acessibilidade intelectual e de entendimento do público, pois nos textos da exposição é possível encontrar palavras técnicas do ramo da medicina e para cada uma delas há uma legenda que explica a significação da palavra. Porém, algumas destas palavras são bastante conhecidas, como, por exemplo, “anestesia”, e, mesmo assim, está é uma palavra que possui uma legenda explicativa.. Como se deu a seleção das palavras que precisariam de legendas ao longo da exposição?

- Na exposição sobre a história da medicina, tem um eixo que fala sobre "Causa das Doenças" e possui vitrines com imagens ampliadas de bactérias causadoras de doenças, juntamente a um texto explicativo. Isto me deixou em dúvida se este texto corresponde a uma legenda ou texto expositivo da

narrativa.

- Esta exposição possui um público-alvo? Qual seria ele?

- Quais são os estudos de público realizados pela instituição? Como é feita a análise do estudo de público?

Anexo I – Questionário para Estudo de Público do MUHM



Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul



PESQUISA DE OPINIÃO

Com objetivo de avaliar o grau de satisfação de nossos visitantes, pedimos sua colaboração em responder as questões abaixo. **A identificação é opcional.**

Sexo: M F Idade: _____ Profissão: _____

Escolaridade: Ensino Fundamental incompleto Superior
 Ensino Fundamental (1º Grau) Especialização:
 Ensino Médio (2º Grau) _____

Cidade: _____ Estado: _____ País: _____

É a primeira vez que você visita um Museu? () Sim () Não

Em caso negativo, com que frequência você visita Museus:

Muito frequentemente Sempre que possível Ocasionalmente Raramente

Com quem você costuma visitar Museus:

Sozinho Com os Pais Com seus professores Com parentes Com Amigos

Como teve conhecimento do MUHM?

Pela Imprensa (rádio, TV, jornal) Através do SIMERS
 Passando em frente Por amigos
 Outros: _____

Qual sua impressão sobre o MUHM?

() Ótima () Muito boa () Boa () Regular () Ruim

Se tiver interesse em receber notícias do MUHM via e-mail, deixe aqui seu endereço eletrônico: _____

Do que você mais gostou no MUHM? _____

O que gostaria de ver no Museu? _____

Deixe aqui sua sugestão, crítica ou questionamento. _____

Data: ___ / ___ / 2016. Nome (opcional): _____

Anexo II – Autorização de Entrevista
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)).....
....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante)....., estudante de
(nome do curso)....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
.....
..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a)
Dr.(a.)..... ..

Porto Alegre, de de 20____ .

Assinatura do entrevistado